



ANO 4 - NÚMERO 44 - JUNHO 2018

# Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 10

## LAMPIÃO, O ADORÁVEL CANGACEIRO

p. 08

### **BIODIVERSIDADE**

Curiosidades  
do capim dourado

p. 23

### **ECOLOGIA**

Ainda o Velho Chico

p. 42

### **PERFIL**

Siã Huni Kuin:  
um líder indígena injuizado

p. 50



# JOGOS Da FENAE 2018 SÃO PAULO

O maior evento esportivo  
entre bancários e  
um dos maiores do país!

[www.fenae.org.br/jogosdafenae2018](http://www.fenae.org.br/jogosdafenae2018)

# **SUPERE**  
SEUS **LIMITES**



“ **Eu vivo em tempos sombrios [...] Que tempos são esses em que falar de flores é quase um crime, pois significa silenciar sobre tanta injustiça?** ”

Bertold Brecht

## COLABORADORES/COLABORADORAS JUNHO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Antenor Pinheiro – Jornalista. Bia de Lima – Educadora. Clarice Lispector (in memoriam) – Escritora. Lazaro Miranda – Médico. Eduardo Flávio Oliveira Ribeiro – Médico. Eduardo Otávio Pereira – Sociólogo. Elisabete Junqueira – Blogueira. Emir Sader – Sociólogo. Iêda Leal de Souza – Educadora. Jaime Sautchuk – Jornalista. Jorge Luiz de Souza – Blogueiro. Reinaldo Bueno Filho – Escritor. Zezé Weiss – Jornalista.

## CONSELHO EDITORIAL

- |                                      |  |
|--------------------------------------|--|
| 1. Jaime Sautchuk – Jornalista       | 7. Emir Sader – Sociólogo              |
| 2. Zezé Weiss – Jornalista           | 8. Graça Fleury – Educadora            |
| 3. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo | 9. Jacy Afonso – Sindicalista          |
| 4. Ângela Mendes – Ambientalista     | 10. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista |
| 5. Antenor Pinheiro – Jornalista     | 11. Iêda Vilas-Bôas – Escritora        |
| 6. Elson Martins – Jornalista        | 12. Trajano Jardim – Jornalista        |



## EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental  
**Telefone:** (61) 9 9967 7943. **E-mail:** contato@xapuri.info. **Razão Social:** Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. **Endereço:** BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. **Atendimento:** Geovana Vilas Bôas (61) 9 9884 4810. **Edição:** Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 98135-6822. **Revisão:** Lúcia Resende. **Produção:** Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. **Menor Aprendiz:** Ana Beatriz Fonseca Martins. **Mídias Sociais:** Eduardo Pereira. **Logística:** Calleb Reis. **Tiragem:** 5.000 exemplares. **Circulação:** Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. **Distribuição:** Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

# H

á os que querem fazer do Brasil um país desmemoriado. A História contada nos livros didáticos é, em verdade, a história das elites nacionais, que controlam a edição desses materiais. E os principais meios de comunicação de massa tupiniquins padronizam a informação, num massacrante processo que nos induz a uma espécie de amnésia coletiva, de empobrecimento de nossos valores.

Na historiografia dita oficial, os heróis populares, nossas verdadeiras referências do passado são, quando muito, relegados a alguns arquivos ou viram alvos de pesquisas acadêmicas. Em seu lugar são rotineiramente expostas figuras importadas ou inventadas, monstros que se ocupam de emburrecer a juventude auriverde.

O que nos salva, contudo, são iniciativas da própria sociedade, de professores abnegados, de lideranças comunitárias e de artistas das muitas artes que mantêm viva a memória nacional. Do Caburá ao Chuí, constata-se uma autêntica guerra de resistência, que tenta preservar a cultura deste imenso país.

Um dos símbolos mais marcantes da nossa História é o tema de capa desta edição da Xapuri. Virgulino Ferreira da Silva, o cangaceiro Lampião, carrega em sua imagem uma parcela significativa do que nossos antepassados têm a nos legar. Uma fatia importante do passado da gente brasileira, de uma realidade que não se esvai assim, com o vento, sucumbindo às mentiras que nos impingem.

Mas não é apenas disso que tratam as páginas que juntos começamos a folhear. São matérias variadas, como de costume apresentadas com carinho e grande precisão.

Você ficará sabendo que as entidades que formam a Rede Cerrado definiram um plano de ação conjunta em defesa do Bioma. E algumas curiosidades sobre o Capim Dourado, bela planta endêmica do Jalapão, no Tocantins, sem falar das múltiplas aplicações do óleo de buriti na culinária cerratense.

Também participamos das comemorações pelos 40 anos do Movimento Negro Unificado (MNU) e contamos a história do líder indígena Siã Huni Kuin Kaxinawá, preso injustamente no Acre.

Trazemos, ainda, uma análise crítica do parecer da Controladoria-Geral da União (CGU) sobre a transposição do rio São Francisco. E muito mais.

Boa leitura!

**Zezé Weiss e Jaime Sautchuk**

**Editores**





## Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Muito bonita a Xapuri de maio, muito linda a matéria de capa, sobre o futebol. Parabéns!

**Andreia Bouças – Rio de Janeiro – RJ.**

Cada vez gosto mais da Revista Xapuri. Entra ano, sai ano, e vocês só melhoram! Parabéns!

**Laurenice Noleto – Goiânia – GO.**

Estou feliz por estar de volta no time da Xapuri. Essa revista me apaixonou!

**Janaina Faustino – Brasília – DF.**

## As imagens mais populares da @revistaXapuri



### Imagem do mês

@ronaldooliveiraramos

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

**#revistaxapuri**

Sua foto pode aparecer AQUI!



08

#### CAPA

Lampião, o adorável cangaceiro

26

#### BEM-VIVER

A lembrança do gesto de dar

21

#### BIODIVERSIDADE

Curiosidades sobre o capim dourado

28

#### MISSÃO ANTICÂNCER

É possível evitar leucemias, linfomas e outros cânceres do sangue?

24

#### AVOSIDADE

Monja Coen: o sentido de ser avó

44

#### ECOLOGIA

Ainda o Velho Chico

**Xapuri** – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

**Boas-Vindas!**

18

#### ECOTURISMO

Buraco das Araras: turismo de aventura bem perto de Brasília

36

#### GASTRONOMIA

Carreteiro com óleo de buriti

22

#### CONJUNTURA

Bye, bye, Parente!

41

#### POVOS INDÍGENAS

Yawalapiti: resistência indígena em forma de arte

27

#### SAÚDE INFANTIL

Como evitar a morte súbita dos bebês

42

#### PERFIL

Siã Huni Kuin: um líder indígena injustiçado

30

#### VIDA SAUDÁVEL

O que são Obesogênicos? e por que eles nos fazem engordar?

47

#### SUSTENTABILIDADE

Tudo o que existe e vive precisa ser cuidado

31

#### MITOS E LENDAS

A lenda do Famaliá, o diabinho da garrafa

48

#### URBANIDADE

Brasil sobre pneus

34

#### CONSCIÊNCIA NEGRA

Movimento Negro Unificado (MNU): 40 anos de luta contra o racismo

50

#### LITERATURA

RRRRRRRRR-evolução política



# LAMPIÃO, O ADORÁVEL CANGACEIRO

Jaime Sautchuk

Passados 80 anos desde a sua morte, a figura de Virgulino Ferreira da Silva se consolida como símbolo nacional. A imagem do bandido, do cangaceiro comum, se esvai em definitivo. Dá lugar à de um sujeito doce, que costurava e bordava com a mesma destreza com que manejava a espingarda, o fuzil e a pistola – a rapidez geradora dos relampejos que lhe renderam o apelido de Lampião.

Virou, primeiro, símbolo da resistência social, da revolta do sertanejo ao jugo dos coronéis, os latifundiários que ainda hoje se apossam do poder político e econômico no Brasil inteiro. Um mito que o pensador inglês Eric Hobsbawm comparou a outros “bandidos sociais”, como Robin Hood, da Inglaterra, Jesse James, dos Estados Unidos, e Juraj Janosik, da Polônia, em seu livro *Primitive Rebels* (Manchester UP, 1974).

Nas ações deles todos, prevalecia o lema “tirar do rico pra dar ao pobre e nunca matar senão em autodefesa ou justa vingança”. No caso brasileiro, a coragem, o carisma e a liderança de Lampião sempre foram decantadas nas formas populares de literatura, especialmente a de cordel, e estudadas em publicações acadêmicas.

No entanto, era quase sempre de forma crítica, dando destaque ao lado violento, agressivo e até perverso das atividades atribuídas a ele e seu grupo. Mais recentemente, porém, a simbologia contida na indumentária e armamentos dele e seu bando passou a ser constantemente imitada em peças usadas por jovens.

É certo que, no tempo em que atuou, Lampião contava com aquilo que o historiador Frederi-

co Pernambucano de Mello chama de “escudo ético”, que é a justificativa social ao descaminho. A vingança de uma morte, de uma agressão física (bofetão ou cusparada) e violação sexual de mulher da família são exemplos de motivos que protegiam eticamente o cangaceiro.

No caso específico de Virgulino, pesava a seu favor o roubo de gado e atentados da família Saturnino, vizinhos de fazenda, e, com mais gravidade, o ato de Lucena, o policial militar que matou seu pai. E ainda mais quando suas ações eram revestidas de ousadia e alguma pirotecnicia, motivos de admiração.

Em seu livro *Guerreiros do Sol* (A Girafa, SP, 2011), esse historiador lembra que, naquele tempo, era muito difundida no Nordeste a figura dos cavaleiros medievais. Livros como *Carlos Magno e os 12 Pares de França*, em edições artesanais, baratíssimas, vendiam feito pão quente e eram replicados em cantorias e na literatura de cordel. Alguns cangaceiros eram comparados a esses guerreiros.

É verdade, também, que, nas primeiras décadas do século passado, surgiu aquilo que podemos chamar de “estética do cangaço”, que influenciou a moda nas cidades do país inteiro. Os chapéus de couro, com abas viradas, chegavam a virar estorvo em eventos públicos e no transporte coletivo, como revelam jornais da época. Isso, todavia, não abrandava a condenação ao banditismo.

Hoje, essa estética é revisitada, mas agora sem as críticas. Não há medalhas e botões de ouro e prata, nem espelinhos, pedras preciosas ou semipreciosas, mas as imagens se reportam a um tempo de alegria

e opulência, um lado menos difundido do cangaço. Vale lembrar, por exemplo, que algumas das medalhas afixadas no chapéu de couro de Lampião eram dispostas no formato da palavra “amor”.

Também o tratamento dado aos tecidos, couros e outros materiais, de reconhecida qualidade técnica e criatividade, é lembrado em roupas, calçados, bolsas e chapéus. Sem falar nos bordados das camisas, com rendados floridos, e nos nomes de cada um, cuidadosamente inscritos com agulhas e linhas nos lenços de pescoço.

## MOÇO BOM NO CANGAÇO

Era um espaço novo na formação da sociedade brasileira, inteiramente da orla marítima, em especial de Pernambuco e da Bahia, por onde começou o Brasil. A opulência do desmatamento inicial e do ciclo da cana-de-açúcar do litoral dava lugar à pecuária, aos poucos implantada num ambiente rude, castigado pela seca sazonal e desdenhado pelas elites dominantes na região. Uma atividade de segunda categoria.

A palavra “cangaceiro” é sinônimo de “jagunço” ou “bandoleiro”, utilizada em toda a Região Nordeste pra designar o bandido errante. Segundo a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz, no livro *Os Cangaceiros* (Duas Cidades, São Paulo, 1977), o termo advém da canga de madeira usada em carros de boi e carroças. A coronha da espingarda ou rifle, deitada sobre os ombros, lembra essa peça.

Originalmente, “cangaço” era o conjunto de armas e outras tralhas usadas por esses bandidos, mas o termo passou a ser em-

pregado pra designar o próprio ambiente da Caatinga em que eles viviam. Um cenário geográfico e socioeconômico propício a assaltos e saques de grupos autônomos e à ação dos jagunços a soldo de coronéis controladores de terras e usuários da servidão, do trabalho semiescravo.

Virgulino Ferreira era cria desse ambiente. Seu pai, José Ferreira dos Santos, era um misto de pequeno proprietário rural e comerciante, um almocreve, que fazia transporte de peles e couros em lombo de animais, numa ampla região. Ele nasceu a 7 de julho de 1897, na comarca de Vila Bela (hoje Serra Talhada), oeste de Pernambuco, na fazenda da Passagem das Pedras, de seu pai, e ali passou a infância.

Era o terceiro de nove filhos e desde criança se incumbia do cuidado dos animais, inclusive o gado bovino, por isso virou boia-deiro, bom de montaria, muito cedo. Participava dos jogos típicos das fazendas, como as vaquejadas. Também ajudava ou substituía seu pai na função de almocreve, o que o aproximava das áreas urbanas, fato que teve grande relevância na sua vida, como veremos mais adiante.

Não frequentou escola, pois não havia, mas aprendeu a ler, escrever e fazer contas com professor particular. Lia o que lhe caísse às mãos e, nas festas da roça ou feiras de cidades, se aproximava dos poetas e cantadores. Desde menino, tocava harmônica e animava os baillinhos domésticos, em que todos dançavam.

Muito cedo, também, aprendeu a manejar armas, por causa das caças, que serviam de alimentos, e das ameaças de desafetos nas redondezas. Os

principais deles eram os Saturnino, vizinhos de fazenda, que forçaram seu pai a se mudar, em 1916, pra um sítio que ele adquiriu em Nazaré, comarca de Floresta, com o acerto de que uns não frequentariam a cidade dos outros.

No entanto, o chefe Zé Saturnino quebrou o pacto de honra e foi visto com um de seus filhos na feira de Nazaré, por Virgulino e seu irmão mais velho, Antônio. Houve ameaças e o conflito reascendeu. No dia seguinte, o violador voltou com 15 capangas e cercou a casa dos Ferreira. Houve longo tiroteio, mas sem mortes.

Por dois anos de muitos entrevistos, a polícia foi acionada e os Ferreira, menos influentes, tiveram que mudar de cidades e até de estados sucessivamente, de modo que a família foi severamente afetada. Em 1920, foram bater em Água Branca, Alagoas, em uma fazenda alugada, mas parte da polícia do local, ligada aos Saturnino, passou a perseguí-los.

Os irmãos mais velhos se espalharam pela Paraíba e Pernambuco. Ficaram ali o pai, a mãe, D. Maria José Lopes, bastante adoentada, e João, filho mais novo, que chegou a ser preso, mas liberado após ameaças dos irmãos.

Em dezembro, porém, foram forçados a deixar a fazenda e pararam por uns dias num engenho de um fazendeiro conhecido. O velho Zé Ferreira foi à Água Branca comprar mantimentos, mas, na volta, sua mulher, debilitada pelas andanças, havia morrido. Ele ficou por ali com João, desesperançados.

Dezoito dias depois, chegou à localidade uma volante (pelotão)

da polícia estadual, comandada pelo sargento José Lucena, que cercou a casa onde estava Zé Ferreira e o matou, após breve troca de tiros.

Embora mais novo que Antônio e Livino, Virgulino, com 22 anos e já chamado de Lampião, assumira o comando da família e determinou que João ficasse de fora dos conflitos e fosse cuidar dos demais. Décadas depois, João contou que seu irmão encerrou a conversa com uma frase solene:

- Perdemos tudo, não perdemos? Agora é matar até morrer.

Por uns meses, Lampião e seus dois irmãos passaram a integrar o bando de Sinhô Pereira, um aparentado. Mas logo ajuntaram mais gente e formaram seu próprio grupo, com ele na liderança, e já conhecido em todo o Nordeste.

Em seu livro *Lampião, o rei dos cangaceiros* (Paz e Terra, SP, 1983), o historiador estadunidense Billy Jaynes Chandler, que morou muito anos no Brasil, escreveu: "Entre os anos de 1922 até 1938, não se passava uma semana sem que Lampião fosse mencionado no noticiário, quer regional, quer nacional. Poucas vezes um bandido conseguiu captar o interesse da nação por tão longo período".

Seu bando atuou principalmente no interior dos estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Paraíba, Bahia e pontualmente no Ceará e Rio Grande do Norte. Nunca pôs os pés nas capitais, todas localizadas no litoral, e tampouco pisou no Maranhão e Piauí.

Nessas duas décadas que viveu no cangaço, Lampião experimentou as situações mais diversas e se safou pela astúcia



militar, mas também pela habilidade diplomática. Afinal, por mais débeis que fossem as políticas e os bandos de jagunços de ruralistas dos estados em que seu grupo atuou, ele contava com uma proteção mais forte do que a das armas.

O bom relacionamento com as comunidades dos sertões incluía coronéis mais flexíveis, lideranças de todo tipo. Duas delas tiveram grande influência na vida de Virgulino Ferreira: a do padre Cícero Romão Batista, cearense à época excomungado pela Igreja Católica, e a do empresário Delmiro Gouveia, que havia estabelecido a sede de seus negócios na região.

### O AMIGO PADRE CÍCERO

Atualmente, a Igreja Católica, com o beneplácido do Vaticano, está concluindo o processo de reavaliação da punição imposta a Cícero, que o impediu de exercer o sacerdócio. A pedra já havia sido cantada em 2001, quando a TV Verdes Mares, braço da Rede Globo no Ceará, promoveu um evento em que apontou o padre Cícero como "O Cearense do Século".

De outra parte, o perfil do "Rei do Cangaço" passa a ser mais e mais o de uma alma boa, homem de grandes valores, que viveu seu tempo do modo que o ambiente lhe permitiu. São incontáveis os registros de vezes em que ele, ao praticar assaltos ou saques, pedia desculpas às vítimas dizendo coisas do tipo "não sou industrial, nem comerciante, nem agricultor - a vida que me restou é esta".

No julgamento popular, a vida de ambos é bastante diversa do que nos revela a maior parte dos

livros que frequentam os bancos escolares. Por certo eles não chegarão a virar santos, dignos de estátuas oficiais, mas terão suas imagens reconhecidas de outra forma, resguardadas as diferenças entre eles.

Os dois se cruzaram na vida meio por coincidência e conviveram por um período relativamente curto. Afinal, padre Cícero nasceu em 1844, 53 anos antes de Lampião, e morreu em 1934, quatro anos antes da chacina de Angicos, que acabou com o cangaceiro. Eles se conheceram oficialmente em 1926, por iniciativa do padre Cícero, num encontro em Juazeiro do Norte, que teve direito a povo nas ruas e fotos, divulgadas pela imprensa na ocasião.

Há registros, porém, de que desde bem antes disso havia alguma comunicação entre os dois, via interlocutores. O fato é que, neste encontro de 26, o caráter oficial era necessário, até para efeito de propaganda. Cícero propôs que Lampião formasse um "Batalhão Patriótico", como eram denominados os grupos armados criados Brasil afora pra combater a Coluna Prestes, que percorria o País do Sul ao Nordeste e Centro-Oeste (1925/27), indo se refugiar na Bolívia.

Cícero seguia instruções de seu mentor político, o médico baiano Floro Bartolomeu, que havia se tornado deputado federal pelo Ceará e era ligado ao então presidente da República, Arthur Bernardes. A Coluna, por sua vez, era um movimento liderado pelo tenente Luiz Carlos Prestes, que combatia a República Velha e percorria o país pregando a derrubada de Bernardes, portanto.

Lampião topou, mas com três

condições básicas: (1) anistia dos crimes que lhe eram imputados, (2) uma patente de capitão da Guarda Nacional, e (3) armas com munições. Acordo fechado, ele foi a Juazeiro e manteve o rumoroso encontro, onde cobrou o que lhe havia sido prometido. Surgiu, assim, o Capitão Virgulino Ferreira, com modernas armas do Exército Brasileiro. Mas, ele e seu bando nunca deram um tiro sequer contra a Coluna, apesar das várias chances que tiveram.

Havia, contudo, se consolidado uma amizade e dela derivaram vários fatos que interferiram decisivamente na vida de Lampião. Um deles é o de que duas irmãs do cangaceiro moravam em Juazeiro do Norte (CE), onde viveram sob a proteção de Cícero.

Outro, muito mais importante para a história do cangaço, deu-se ali mesmo, em Juazeiro, sob as asas do padre. O bando de Lampião usava os serviços do sapateiro Zé de Neném, que era casado com Maria Déa. Esta mandava recados de que era apaixonada por Virgulino, com fitinhas e outros flertes, até que ocorreu um encontro, em 1930. Lampião, que já estava meio empolgado, ficou caído por ela.

Ela acabou largando o marido para adotar o nome de Maria Bonita e seguir seu novo amor até a morte. O fato gerou notícias em jornais, que a tratavam como adúltera, mulher da vida e outros adjetivos ainda mais fortes. Mas ela pouco ligava. E tampouco o padre Cícero, que no fundo foi quem incentivou o romance eterno.

Ela se encantava não só com as histórias de bravura de seu

amado que corriam pelos sertões. Gostava do seu jeito, dos seus trajes e hábitos. Ao passar a conviver com ele, ela viu e sentiu muito mais. Entre suas tralhas, nas andanças ele carregava uma máquina de costura e uma caixinha com agulhas e linhas de bordar. Mas quem costurava e bordava não era ela, era ele.

Compositor e bom no gingado, ele cantava e dançava muito bem. Tanto que é atribuída a ele a invenção do xaxado, uma dança apropriada ao ambiente em que a maioria era de homens e, assim, podiam dançar juntos, pois não precisavam se tocar.

Na extensa bibliografia sobre Lampião há registros de toda sua trajetória artística, a começar por um poema que escreveu aos oito anos de idade, e grande número de bilhetes que, na juventude ou já no cangaço, escrevia em versos.

O padre e intelectual pernambucano Frederico Bezerra Maciel, que escreveu Lampião, Seu Tempo e Seu Reinado (Vozes, Petrópolis-RJ, 1985), em quatro volumes, conta muitas histórias. Uma delas, sobre o compositor, é a de uma visita que Lampião fez a Tia Jacosa, sua avó materna, num dia 15 de agosto, aniversário dela. Longa viagem, madrugada adentro, até chegar.

Na casa, ainda cedinho, a avó "já trocava ligeiros os bilros da sua almofada de fazer renda". Lampião, seus irmãos Antônio e Livino e outros acompanhantes chegaram quietos. Pela porta entreaberta, ele estancou e ficou admirando a agilidade daquela gente que tece rendas. O dia foi de muitos parentes, histórias, cantorias e, já noitinha, na hora de ir embora, Lampião prometeu que faria

uma música pra sua avó.

O resto, é Maciel quem conta: "Cinco meses depois..."

Precisamente, 22 de fevereiro de 1922.

Outra vez Lampião em Poço do Negro. Desta vez trazendo a grande novidade - a canção 'Mulher Rendeira' - Música e letra de sua autoria, prometida homenagem à sua estremecida Tia Jacosa.

Não se teve em emoção a boa velhinha ao ouvir, pela primeira vez cantada e na voz de Virgulino, a sua canção. Comovida e admirando sem cessar a habilidade - 'a arte' - de seu neto:

- Não é que ele aproveitou as palavras que eu costumava dizer a ele, quando menino reinador e desesperado, começava a embirrar com suas teimas: - Chorou pru mim não fica, soluçou vai pro borná?"

Os biógrafos de Lampião são unânimes quanto às vaidades do cangaceiro. Ele adorava se vestir bem pra festas e eventos, ocasiões em que usava seus óculos de lentes meio opacas, para esconder o glaucoma que o cegara do olho direito. Tirar fotos, então, era o que mais gostava, mas não se deixava fotografar por qualquer um.

Nisso, de novo entra o padre Cícero. As melhores e mais conhecidas fotos e filmes de Lampião são do imigrante palestino Benjamin Abrahão Botto. Seu pai era mascate e a família foi bater em Juazeiro do Norte em 1920. Benjamin se tornou secretário particular do padre e, nas horas de folga, gostava de fotografar e filmar.

E fotografava e filmava Lampião e seu bando, com autorização do seu chefe. Em verdade, Abrahão produziu um filme do-

cumentário, em 16 mm, sobre o cangaceiro, mas morreu em 1934, antes que pudesse lançá-lo comercialmente. Quando o filme foi redescoberto, em 1957, boa parte tinha estragado nas latas, mas são essas as imagens em movimento que se tem de Lampião e seu bando.

### GRUTAS DE PAULO AFONSO

Ainda adolescente, como almocreve, Virgulino acabou trabalhando pro maior comprador (e exportador) de peles e couros dos sertões, que era nada mais, nada menos que Delmiro Gouveia. Quando o empresário foi se estabelecer em Alagoas, ele já trazia uma rica história de vida, o que influenciou muito Lampião.

Delmiro nasceu em Ipu, no Ceará, mas aos 5 anos seu pai morreu em combate na Guerra do Paraguai. Sem recursos, sua mãe se mudou pro Recife, onde trabalhou como empregada doméstica, mas também morreu alguns anos depois, de modo que o filho adolescente ficou sozinho. Contudo, como funcionário da alfândega, no porto do Recife, ele aprendeu os macetes do comércio exterior e construiu um verdadeiro império em Pernambuco, baseado na exportação de peles, de cabras e ovelhas pra Europa e Estados Unidos.

Ousado e inovador, ele atraiu a ira da elite açucareira pernambucana, inclusive do oligarca Francisco de Assis Rosa e Silva, que durante 15 anos foi governador do Estado e, no governo do presidente Campos Sales (1898-1902), foi também vice-presidente da República. Nesse período, com investimentos em diversos setores, Delmiro construiu o Mercado do Derby, inspi-



rado em similares dos EUA, com perto de 300 pequenas lojas modernas e barateiras, um arraso.

Em 2 janeiro de 1900, porém, a polícia estadual pôs fogo no Derby, por ordem de Rosa e Silva, que declarou verdadeira guerra a Delmiro, levando-o à falência. Ele, no entanto, resolveu recomeçar do zero em Alagoas e começou por estabelecer um comércio de peles em Pedra, então distrito de Água Branca, tendo como um de seus fornecedores o velho Zé Ferreira e seu filho Virgulino.

Essa localidade (hoje município de Delmiro Gouveia) fica na confluência dos estados de Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Bahia, junto à cachoeira de Paulo Afonso e ao início do câ-

nion do rio São Francisco. Uma extensa área depois percorrida pelo cangaceiro Lampião, que vai até os municípios de Poço Redondo (SE), onde está a fazenda em que ele e seu bando foram mortos, e Piranhas (AL), onde suas cabeças foram expostas após a chacina.

No sopé do paredão onde está a cachoeira, em 1913 Delmiro inaugurou sua famosa usina hidrelétrica, pioneira no Brasil, junto a uma série de cavernas que serviram de abrigo e refúgio ao bando de Lampião por bons períodos. Na parte superior, está o povoado Malhada da Caiçara, no município de Paulo Afonso, onde nasceu Maria Bonita e morava sua família, tantas vezes visitada pelos canga-

ceiros. Há muitas fotos dessas visitas.

Foi ali, em Pedra, que Delmiro enfrentou a Machine Cottons, companhia inglesa que até então monopolizava o mercado brasileiro de linhas de costura e fios de malharia, com a marca "Corrente". Em vez de entregar o algodão bruto, em 1914 ele abriu uma fábrica de linhas (marca "Estrela") que chegou a ter 1.700 trabalhadores, 700 dos quais mulheres. O Brasil industrial chegava à região do cangaço, assim como a luz elétrica, as escolas, creches e o saneamento básico nas comunidades.

Na noite de 10 de outubro de 1917, Delmiro lia os jornais na varanda iluminada de sua casa, quando foi atingido por

tiros de fuzil e morreu. Seus herdeiros resistiram ainda 12 anos até venderem a fábrica à gigante inglesa, que vinha tentando comprá-la desde sua fundação e é apontada como mandante do crime. O matador nunca foi descoberto.

Naquela data, Virgulino ainda estava longe de virar o cangaceiro Lampião. Era apenas o almocreve que fornecia peles ao curtume que fazia parte do complexo industrial ali instalado e nem usava arma de fogo, pois na cidade era proibido.

Nunca, porém, nos anos que se seguiram, a fábrica teve qualquer problema com Lampião e seu bando – seus inimigos eram muito outros. Nas rodas de conversa, Delmiro era citado como referência.

### MORTE CRUEL

A morte de Lampião, Maria Bonita e outros membros

do bando se deu por traição de Pedro Cândido, comerciante na cidade de Piranhas, Alagoas. Ele foi preso por volante da polícia estadual, comandada por um cabo de nome João Bezerra, sob acusação de negociar com o cangaceiro. Apanhou bastante e, sob tortura, concordou em entregar o local do esconderijo, que ficava do outro lado do rio São Francisco, em Sergipe.

Pedro confessou que ia com frequência à Gruta do Anjico, onde os cangaceiros moravam, e se dispôs a levar a polícia até lá. Lampião e Maria Bonita viviam numa cavidade na rocha, com todo o conforto necessário, mas sem a única filha que tiveram, que morava com os avós, em Paulo Afonso.

O denunciante havia feito um mapa do local, indicando onde cada um dos presentes dormia. Durante a noite, os policiais armaram uma metralhadora num ponto estratégico e ao amanhe-

cer do dia 29 de julho de 1938, quando os cangaceiros se levantavam, dispararam várias rajadas, sem a menor chance de defesa.

Em seguida, os policiais se aproximaram e foram cortando as cabeças dos atingidos, com facões. Consta que Lampião já estava morto, mas Maria Bonita ainda agonizava quando foi decapitada. As cabeças dos dois e de outros nove cangaceiros foram colocadas em latas de que-ro-sene com água e sal e levadas a Piranhas, onde ficaram expostas nas escadarias da igreja matriz por vários dias.

Foram, pois, vítimas de traição e de um massacre impiedoso, com requintes de crueldade.



**Jaime Sautchuk**  
Jornalista. Escritor



# REDE CERRADO REAFIRMA COMPROMISSO COM O BIOMA E SEUS POVOS



A assembleia Geral reuniu cerca de 30 entidades associadas à Rede Cerrado em Brasília, para debater novas estratégias e ações conjuntas em defesa do Bioma e de seus povos; evento marcou o início de uma nova fase para a Rede Cerrado.

União de esforços e saberes, resistência dos povos, movimento, esperança, partilha, defesa e gratidão. Essas foram algumas das palavras e sentimentos que permearam a Assembleia Geral da Rede Cerrado, ocorrida em Brasília (DF), em maio último.

A atividade reuniu cerca de 50 pessoas de todo o Brasil, representantes de 30 entidades associadas à Rede Cerrado. O principal objetivo foi traçar estratégias e ações conjuntas para intensificar a atuação da Rede em defesa do Bioma, de seus povos e comunidades tradicionais.

O evento marcou o início de uma nova fase para a Rede Cerrado. Maria do Socorro Teixeira Lima, mais conhecida como dona Socorro, do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) e atual coordenadora-geral da Rede Cerrado, disse que a expectativa, com a retomada das atividades, para ela, foi superada. "A gente está confiante que a partir dessa assembleia a Rede Cerrado vai continuar suas lutas de apoio e de defesa do Bioma com ainda mais força e unidade".

Já Rodrigo Noleto, do Instituto Sociedade, Po-

pulação e Natureza (ISPN) e atual coordenador administrativo da Rede Cerrado, lembrou que, nesta nova fase, dois projetos ajudarão a Rede principalmente no âmbito do fortalecimento institucional e da incidência política. "A gente quer trazer o Cerrado como um Bioma fundamental que está indo embora e está cada vez mais frágil", alertou Noleto.

A Assembleia Geral da Rede Cerrado ocorreu num período em que o Bioma sofre graves ameaças, sendo substituído rapidamente por extensas áreas de monoculturas e pecuária. A devastação do Cerrado já chega a 52% do território e isso está comprometendo nascentes, rios, riachos, além das culturas e práticas sustentáveis de conservação. O contexto fez com que a Rede Cerrado reafirmasse seu compromisso em defesa do Bioma, dos seus povos e comunidades tradicionais.

Irene Maria dos Santos, do Instituto Brasil Central, que acompanha a Rede Cerrado desde a sua criação, em 1992, destacou a grande relevância da Rede por ser, em um único espaço, uma articulação, uma mobilização e um intercâmbio de experiências.

"Se a gente, enquanto sociedade civil, não se organiza, a gente não tem possibilidade de avançar em uma política pública de desenvolvimento sustentável para o Cerrado. A gente precisa desse lugar!".





# BURACO DAS ARARAS:

## TURISMO DE AVENTURA BEM PERTO DE BRASÍLIA

Eduardo Pereira

Aqui bem perto da Xapuri, seguindo pela BR-020 até o Distrito do Bezerra e, de lá, caminhando mais 16 km por estrada de terra, fica o Buraco das Araras, uma dessas maravilhas da natureza que é também a segunda maior dolina de colapso do Centro-Oeste e uma das maiores do Brasil.

Localizado a cerca de 10 km do Distrito do Bezerra, que por sua vez está apenas 22 km distante da cidade e Formosa, o Buraco das Araras, que aparece do nada no meio do Cerrado, tem 105 m

de profundidade e 295 m de largura.

Pra quem gosta de aventura e topa enfrentar as dificuldades de acesso, geralmente feito por meio de um rapel de 65 metros de altura, lá embaixo tem uma floresta úmida com samambaias gigantes típicas das eras primitivas, dois imensos salões e uma linda lagoa subterrânea de águas incrivelmente azuis, perfeita para a flutuação/snorkeling, com máscara e snorkel.

O passeio, que pode ser feito o ano todo, exige idade mínima de 12 anos de idade,

com um dos pais, ou autorização por escrito. Crianças e adultos devem ser sempre acompanhados por guias especializados.

Custos e o que levar para o passeio podem ser consultados na Agência de Turismo especializada no passeio: Itakamã Ecoturismo & Aventura:

WhatsApp - (61) 98507-8001 | Telefones - (61) 98507-8001 / (61) 99942-5098 / (62) 3446-1235.

E-mails: itakama@gmail.com ou contato@itakama.com.br

Fonte: [www.curtamais.com.br](http://www.curtamais.com.br)





# NEM A COPA AQUECE A ECONOMIA

Vinicius Borges

O principal campeonato de futebol do mundo não conseguiu contagiar os brasileiros, que vivem uma das piores e mais longas crises econômicas da história, com taxas recordes de desemprego, que atinge mais de 13 milhões de trabalhadores e trabalhadoras, além do golpe de estado que restringiu ou acabou com direitos sociais e trabalhistas.

O clima de Copa não está nas ruas que costumavam ser pintadas com as cores da bandeira brasileira bem antes do pontapé inicial, que este ano aconteceu no dia 14 de junho, na Rússia. A venda de produtos que costumam se beneficiar em época de Copa também não registraram o aquecimento esperado.

No primeiro semestre de 2014, na Copa foi realizada no Brasil, foram vendidos 7.935 milhões de TVs. O volume estimado para 2018 é 14% menor, segundo a As-

sociação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos (Eletros).

Nem mesmo as camisas não oficiais, vendidas por ambulantes a R\$ 30, em média, atraem os torcedores. Poucos terão dinheiro para comprar a camisa oficial da CBF, da Nike, idêntica à usada pelos jogadores, que está sendo vendida a R\$ 449, praticamente metade do salário mínimo (R\$ 954).

Para o professor da Faculdade de Economia da Universidade de Brasília (UnB) Marilson Dantas, "o efeito da Copa para o Brasil será mínimo. Incentivará o consumo de produtos específicos e de forma pontual, como é o caso dos televisores. Mas, em termos gerais, o efeito é mínimo, ainda mais em um período de crise como o atual, que naturalmente já levaria as pessoas a consumirem produtos mais

baratos como os ofertados pelo comércio informal".

Para Dantas, o consumo relacionado à Copa, em grande parte, será direcionado a pequenas empresas ou empresas informais que não pagam royalties para a FIFA (Federação Internacional de Futebol). "É lá [na economia informal] que estará a maior parte do volume a ser comercializado: bandeiras, camisas não oficiais e, principalmente, apetrechos de pequeno valor".

Fonte: Redação CUT, com informações da Agência Brasil e edições da Xapuri.



# CURIOSIDADES SOBRE O CAPIM DOURADO

Muitas pessoas, quando veem o artesanato de capim dourado, não imaginam que aquela haste que brilha como ouro é só parte de uma planta. Cada pé de capim-dourado é uma sapata (ou roseta, como dizem os especialistas), que cresce perto do solo e tem 3 ou 4 centímetros de largura.

Geralmente essa sapata fica escondida debaixo de todos os outros capins, e é ela que produz as artes douradas que vemos no artesanato. "Haste", "filete", "fiapo" são os nomes que as pessoas usam para chamar o que os cientistas chamam de "escapo". Essas hastes, ou escapos, servem para sustentar as suas flores, pois na ponta de cada uma delas existe uma cabecinha, - que chamamos de "capítulo" - que produz as flores, os frutos e as sementes.

Cada sapata de capim-dourado produz cerca de duas hastes por ano, mas existem plantas que podem produzir 10 a 20 hastes muitas vezes na vida. Cada haste possui uma cabecinha, que produz no seu interior diversas flores, que são muito pequenas.

As flores produzem "frutos secos",

pois não se parecem com as frutas que comemos, que possuem polpa. Os frutos têm, no seu interior, duas ou três sementes cada. Assim, uma cabecinha produz entre 40 e 60 sementes, que são muito pequenas, com menos de um milímetro, possuem cor marrom e parecem uma poeira, que, ao germinarem, darão origem a uma pequena planta.

O nome científico do capim-dourado é *Singonanthus nitens*. Nitens, em latim, significa "que brilha", ou seja, mesmo o nome científico da planta já diz que ela tem uma parte que brilha.

Outra coisa curiosa é que o capim-dourado não é exatamente um capim, ou uma grama daquelas que crescem nos pastos. O capim-dourado é, na verdade, um tipo de sempre-viva. Portanto, não pertence à mesma família das plantas dos capins, mas sim a outra família, que se chama *Eriocaulacea*.

O capim-dourado ocorre nas veredas em praticamente todo o Cerrado do Brasil. Porém, existe em maior quantidade do Jalapão, que é uma região ao leste do estado do Tocantins.



Fonte: Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável do Capim-Dourado & Buriti. Mauricio Bonesso Sampaio, Isabel Belloni Schmidt, Isabel Benedetti Figueiredo e Paulo Takeo Sano. Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2010.

# BYE, BYE, PARENTE!

— Emir Sader

Primeiro era o Roberto Campos, o Bob Fields, o mais genuíno representante dos interesses dos EUA no Brasil. Era uma espécie de embaixador norte-americano informal infiltrado na política e no governo brasileiros. Era contra a própria existência da Petrobras e mantinha, contra todas as evidências, as posições do Rockefeller de que não havia petróleo no Brasil ou, se havia, não era rentável explorá-lo. Aí estavam a Shell, a Esso e outros conglomerados multinacionais para fazer isso por nós.

Era o entreguismo em estado puro. Entregar tudo o que é nacional para os gringos. Estaria tudo em boas mãos, eles fariam melhor que nós e fariam tudo o que de melhor nós precisamos. Era a idolatria dos EUA e de tudo o que vinha de lá.

Em que consiste o entreguismo? Em desqualificar tudo o que é feito aqui, para favorecer o que é feito no Império e nas potências estrangeiras, incluídas suas grandes corporações econômicas e financeiras, através da privatização e desnacionalização, ou da abertura do mercado interno. E, claro, pela subserviência total na política externa, contra os que os EUA consideram seus principais inimigos.

Depois vieram outras versões, do Collor e do FHC. Aquele nem teve muito tempo de adular os EUA, mas o FHC frequentava os ágapes do Clinton e do Tony Blair, para mostrar, subservientemente, que o entreguismo poderia ter cara diferente. Há aquela foto significativa em que ele está abaixo dos próceres da terceira via, com a linguinha de fora, como se estivesse abanando o rabo para os seus donos.

Depois, o Brasil passou a ter uma política soberana, com o Lula e o Celso Amorim, e essas imagens ficaram longe no tempo, substituídas pelas do reconhecimento do Brasil como sujeito ativo na resolução dos grandes conflitos internacionais. Nunca fomos tão independentes, tão soberanos, tão reconhecidos por todo o mundo.

O golpe representou uma ruptura com tudo o que de bom estava sendo feito na construção do Brasil como nação. A Petrobras, como símbolo de empresa estatal brasileira de sucesso, foi vítima privilegiada do golpe, que visa destruir a empresa, seu prestígio, seu valor, para privatizá-la e desnacionalizá-la.

Como a empresa brasileira mais importante do mundo, tinha que ter à sua cabeça quem se dedicasse a destruí-la. Contando com o trabalho da Lava Jato, de manchar o nome da empresa, Parente se pôs, 24 horas por dia, a destruir a Petrobras, o Pré-sal, o corpo de profissionais mais competentes com que o Brasil conta.

Sua política de preços foi a expressão mais acabada do entreguismo, foi o que um funcionário da Fundação Rockefeller faria se estivesse nesse cargo. Sua política é (porque continua) antinacional, porque destrói, liquida o patrimônio nacional. É antipopular, porque pune os que usam gasolina e gás de cozinha com preços estupidamente caros.



**Emir Sader**  
Sociólogo  
Autor do livro "O Brasil que  
queremos."

# CADERNO SAÚDE

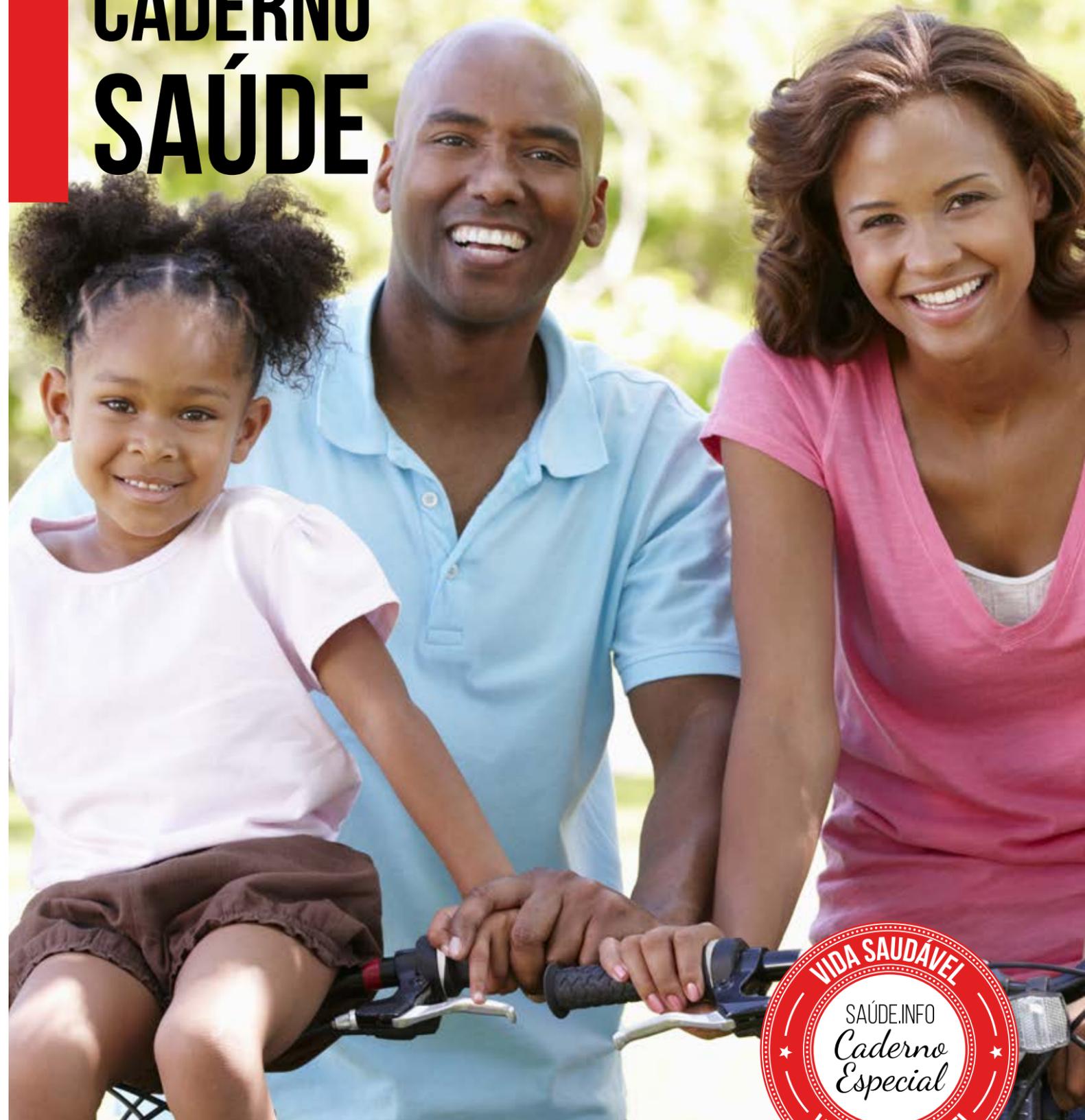




Foto: Divulgação

# O SENTIDO DE SER AVÓ

Elisabete Junqueira, Jorge Luiz de Souza

Avós nos tempos modernos continuam deseducando um pouco, mas com um brincar que inclui ensinamento. Assim define a Monja Coen, cujo nome civil é Cláudia Dias Baptista de Souza, mãe da Fábica, avó da Rafaela e bisavó do Mahao.

Em entrevista exclusiva para Elisabete Junqueira e Jorge Luiz de Souza, do portal avosidade (www.avosidade.com.br), Coen compartilha partes da enorme sabedoria que acumulou depois que deixou o Brasil e a sua profissão de jornalista para viver em um mosteiro budista no Japão.

“Existe um papel de avô e avó, que é o de contradizer um pouco os filhos com relação aos netos”, diz ela. E explica que a função dos avós em relação aos pais é isto, de questioná-los: “você têm certeza de que esta é a melhor maneira de educar seu filho?”.

Com sua experiência, Monja Coen traz alguns ensinamentos bem precisos para aprimorar o relacionamento entre as gerações dentro de uma família. Um deles é permitir o convívio em lugares neutros, que não pertençam a um ou outro membro do grupo. Outra dica: evitar as discussões familiares nas refeições. “A gente, pra conversar, não precisa convencer o outro do nosso ponto de vista, mas ouvir, ouvir pra entender.”

Os mais velhos podem apontar caminhos, mas os mais jovens têm de viver suas próprias experiências – é outra sabedoria que ela compartilha. Mas às vezes é bem incisiva: “Ser boazinha é um crime, ninguém tem de ser bonzinho nesse mundo, tem que ser correto”. Eis os principais trechos da entrevista:

## SER AVÓ EM TEMPOS MODERNOS

“Hoje as avós são mais jovens e muitas delas estão ainda em áreas de trabalho. Antigamente, avó era geralmente uma pessoa que já tinha se aposentado, que tinha muita disponibilidade de estar com os netos, de cuidar, de dar suporte. Houve uma época em que as famílias moravam juntas, que é uma coisa que ainda se faz no Japão, a vovó e o vovô moram com o filho mais velho ou com a filha mais velha. Então, podem dar esse apoio familiar. Hoje é um pouco raro. Houve realmente uma mudança no papel do avô e da avó, que brincam um pouco mais, continuam brincando, continuam deseducando um pouco mais também, permitindo aquilo que os pais tão jovens não permitem. Eu acredito que a idade, a experiência, nos faz ver que as pessoas crescem e se desenvolvem melhor com brincadeira, com carinho, do que com rigidez. Mas tem que ter uma certa rigidez. Então, avô ou avó não são apenas aqueles que brincam, porque esse brincar inclui um ensinamento.”

## UMA NOVA RELAÇÃO COM A CRIANÇA

“Uma coisa importante é partilhar com a criança. Chegar em casa e perguntar ‘o que você tem pra me ensinar hoje?’ Mudar um pouco o papel e ser mais lúdico. Ter encontros. Uma coisa que

afasta... tem até as brincadeiras que se faz com as pessoas que ficam tanto tempo nos celulares. E que não olham mais para a cara dos filhos, da criança, da esposa ou do marido, cada um envolvido no seu mundo individual. Fica com a criança, mas está no celular como o pai e a mãe estão. Então, o personagem do avô e da avó que seria aquele que pode brincar junto, fazer bobagem junto, errar junto, de repente não está mais lá, porque está no celular. A gente tem que pelo menos uma hora por dia deixar o celular no ladinho, pôe ele no mudo e vai brincar com a criança, vai estar presente.”

## SER BOAZINHA É UM CRIME

“Ser boazinha é um crime. Ninguém tem de ser bonzinho nesse mundo, tem que ser correto e adequado. Para isso tem que ter sensibilidade pra perceber. Se eu falar agora, vai ser bom? Se eu interferir neste momento, vai ser adequado? Se não é, eu não interfero agora. Mas eu percebo o momento certo de falar. Pra mim, funciona mais falar com o marido da minha neta do que com ela. Quando a coisa está mais assim eu chamo ele do lado sem ela ouvir. E aí funciona. Porque ele não tem essa intimidade que ela tem comigo. Dizer que ‘não vou ouvir, vouô, você é de outra geração’. Ele me ouve. Então, a gente tem que ter meios hábeis. Pra isso temos mais idade, pra isso temos mais experiência. Não pra com-

petir com nossos filhos. Não pra competir com uma nova maneira de ser no mundo, que já não é mais a nossa. Embora a gente esteja, a gente já viveu num outro momento, então não há por que interferir tanto, mas estar presente. Dar a eles essa sensação de, se precisar, estou aqui.”

## A VIDA É PARA SER VIVIDA

“Na maior parte da vida a gente não usa a experiência do outro. A gente tem que passar. A gente gostaria que nossos filhos e netos pulassem etapas. Usa minha experiência, eu estou te dizendo... Mas não adianta. Algumas coisas, sim; mas a maioria, não. Eles têm que passar. E a gente apenas observa e lembra: eu também fui assim, olha o que eu fazia, também fiz arte, também não ouvi, não ouvi minha vovó, meu papai. Então a gente se lembra de que passamos por essas etapas. Por isso é mais bonito. A gente não tem pressa, não tem angústia, não tem ansiedade... A vida por si mesma vai fazendo com que aconteça. Eu posso apenas apontar. Apontar caminhos é isso. Dizer: ‘se você subir essa ladeira, você vai dar numa avenida tal; se você descer a ladeira, vai dar em outra avenida. Você quer ir pra que lado?’. Eu acho que a avosidade nos permite perceber como tudo passa.”

# A LEMBRANÇA DO GESTO DE DAR

Cada uma de nós tem um provérbio de estimação, mesmo que não viva citando e repetindo... Qual é o seu?

O meu é um provérbio chinês. É verdadeiro, a meu ver. É bonito. Faz entender. E enfeita a vida. É assim:

*“Um pouco de perfume sempre fica nas mãos de quem oferece rosas.”*

Nunca dei rosas sem sentir que nas minhas mãos ficou um pouco do seu perfume. Nunca prestei um favor, sem sentir que nas minhas mãos ficou a lembrança do gesto de dar.

Nunca dei amor, sem sentir que eu também recebi amor.

Quem sabe se a “aura” que envolve as pessoas generosas vem de que elas guardam, no ar tranquilo e suave, o perfume de quem deu rosas?

Minha alegria em dar chega, às vezes, a me parecer egoísmo... tanto eu me benefico quando dou. Parece até que sou em quem ganha realmente.

Um dia desses vi uma senhora muito ocupada atender a uma senhora que tinha dito: mamãe, vem cá! Fato banal? Não, não era banal. Essa criança de três anos fora recolhida pela senhora quando, com dois dias de vida, quase morria de fome.



**Clarice Lispector**  
em Correio Feminino.  
Organização Maria Aparecida  
Nunes. Editora Rocco. 2006.



# COMO EVITAR A MORTE SÚBITA DOS BEBÊS

Dr. Lazaro Miranda

Chamamos de morte súbita qualquer evento que leve um indivíduo ao óbito de forma inesperada e relativamente rápida. A morte súbita pode ocorrer em qualquer faixa etária, mas ela é mais comum em pessoas mais idosas, já portadoras de doenças cardíacas prévias. Porém, até jovens atletas ou bebês supostamente saudáveis podem morrer subitamente.

A síndrome de morte súbita infantil (SMSI), também conhecida como síndrome de morte súbita dos lactantes (SMSL), é a principal causa de morte entre bebês até o primeiro ano de vida.

Conforme sugere o nome, a síndrome da morte súbita infantil é um quadro de morte súbita do bebê em seu primeiro ano de vida, que ocorre de forma inexplicável e inesperada em crianças aparentemente saudáveis. A maioria dos casos está associada ao sono, por isso, ela também é conhecida como “morte do berço”.

A ocorrência de morte súbita é rara no primeiro mês de vida. O período de maior risco ocorre entre os 2 e os 4 meses. Após o 4º mês, o risco começa a cair drasticamente, de forma que apenas 5% dos casos ocorrem após os 6 meses de idade.

Não sabemos as causas exatas da morte súbita em bebês, mas o mais provável que existam múltiplos fatores. Entre os fatores de risco, alguns se destacam, como mães que fumam, quartos com temperatura elevada e bebês que dividem a cama com os pais ou um irmão.

Porém, o principal e mais famoso fator de risco é a posição na qual o bebê dorme. Crianças que dormem de barriga para cima têm muito menos chances de apresentar um quadro de morte súbita quando comparadas a crianças que dormem de lado ou com barriga para baixo.

A popularização desse fato e orientação dos pais pelos pediatras têm levado a uma redução na incidência de morte súbitas em bebês em todo o mundo.

**Dr. Lazaro Miranda**  
Cardiologista.  
lazaro@cardiol.br  
(61) 34450000



# É POSSÍVEL EVITAR LEUCEMIAS, LINFOMAS E OUTROS CÂNCERES DO SANGUE?

É muito comum que pacientes e familiares de doentes com tumores do sangue perguntem: o que eu fiz para ter essa doença? Essa é uma resposta mais óbvia quando um tabagista descobre um tumor no pulmão, ou um alcoólatra é acometido por um tumor hepático.

Nas doenças malignas do sangue, a situação é bem mais complexa, já que o tecido doente é o próprio sistema imunológico, e cada célula desse sistema possui uma função distinta das demais e adoece por razões bem peculiares.

Por exemplo, as leucemias podem ser divididas em dois grandes grupos: linfóide (quando a origem vem dos linfócitos) e mieloide (quando a origem está nos granulócitos ou monócitos). As alterações genéticas que propiciam o aparecimento de um tipo, ou do outro, são completamente diferentes.

Por analogia, as causas também serão. Há décadas que estudos epidemiológicos correlacionam uma frequência maior de Linfoma de Hodgkin, por exemplo, em filhos primogênitos, com poucos ou nenhum irmão,

em crianças que não frequentaram creches ou tiveram poucos colegas, sugerindo um papel do desenvolvimento do sistema imunológico na propensão a doenças malignas do sangue.

A infecção por alguns vírus e bactérias, como Epstein Barr ou *Helicobacter pylori*, também tem sido correlacionada com subtipos específicos de linfoma, assim como ocorre quando há manutenção de um estado de inflamação por longos períodos, o que tem relação com manter o sistema imune ativado por mais tempo que o normal.

Também já se sabe do papel da exposição ambiental à radiação e a agentes químicos que agredam o material genético dos glóbulos brancos, como na exposição ocupacional a agrotóxicos. Acontece que, em muitos casos, não encontramos essa correlação epidemiológica.

Segundo artigo publicado em 2014 na revista *Science*, alguns desses casos ocorreriam ao acaso. Recentemente, a revista *Nature Reviews in Cancer*, publicou um artigo em que pesquisadores verificaram que durante o processo de amadurecimento

do sistema imunológico, seja intraútero, seja na primeira infância, a exposição ao acaso a agentes infecciosos e químicos é assimilada e corrigida pelo próprio sistema imune de maneira diferente.

Em outras palavras, uma infecção viral que danifique um determinado gene, que poderia levar a criança a ter leucemia, é corrigida com mais precisão se o mesmo for acometido em idade mais precoce, do que em crianças maiores. Isso pode vir a explicar os velhos dados epidemiológicos que relacionavam crianças com menos infecções virais comuns da infância, com maior risco de leucemia linfóide ou linfomas no futuro, mas não explica porque algumas dessas crianças não conseguem eliminar vírus comuns como o Epstein-Barr de seu sistema imune.

Por serem tantas doenças e pela enorme diversidade individual de resposta do sistema imune, fica claro que ainda temos muito o que aprender, porém fica igualmente claro que devemos cuidar do nosso sistema imunológico deixando que nossos filhos brinquem mais em diversos

espaços e tenham mais contato com outras crianças, para que amadureçam sua imunidade no momento em que podem lidar com eventuais erros genéticos que venham a ocorrer, e que não mantenhamos estímulos imunes solitários repetitivos, como ocorre com a exposição a poluição do ar, ao ácaro dos carpetes, ar condicionado, alimentação pouco variada.

Nos adultos, o tratamento de doenças inflamatórias crônicas, como as reumáticas, e das infecções crônicas, além do controle sobre a interferência nociva no sistema imunológico em situações de estresse duradouro podem de alguma maneira, mantê-los menos vulneráveis aos erros de duplicação do sistema imune, ou a corrigi-los quando ocorrerem.

Por fim, devemos saber que algumas mutações recorrentes e relacionadas com alguns tipos de doenças malignas no sangue podem ainda assim ocorrer de forma aleatória, e que isso foge ao nosso controle, pelo menos por enquanto.



**Dr. Eduardo Flávio Oliveira Ribeiro**  
CRM-DF12414. Hematologista da Rede D'Or Oncologia. Membro da Sociedade Americana de Hematologia. Membro da Associação Brasileira de Hematologia, Hemoterapia e Terapia Celular. Graduado em Medicina pela UnB. Especialista em Hematologia pela Unicamp. (61) 33635252.



## O QUE SÃO OBESOGÊNICOS? E POR QUE ELES NOS FAZEM ENGORDAR?

Quem luta para perder peso sabe a frustração que às vezes ocorre quando alguém segue uma dieta rigidamente e não alcança os resultados que espera. Mas você sabia que, além da comida que ingerimos, os hormônios também influenciam no peso que ganhamos?

Uma pesquisa realizada pela Sociedade Europeia de Endocrinologia revelou que os obesogênicos, substâncias químicas que interferem na ação de hormônios em armazenar e processar gorduras, podem atrapalhar os esforços de quem quer perder peso, influenciando a atividade das nossas células de duas maneiras: promovendo o acúmulo de gordura ao alterar o número e tamanho de lipídeos; e aumentando nosso apetite ou diminuindo a nossa capacidade de queimar calorias.

Estudos anteriores identificaram a presença desses químicos em produtos do dia a dia, como em agrotóxicos, plásticos, adoçantes e até em nossas roupas. Para a pesquisadora Ana Caterina Sousa, da Universidade de Aveiro, em Portugal, os obesogênicos podem ser encontrados em qualquer lugar, mas a maior parte deles está nos produtos de limpeza, nos utensílios de cozinha e nos cosméticos.

Segundo a Dra. Ana Caterina, embora seja praticamente impossível eliminar nossa exposição a eles, "reduzir de forma significativa sua presença em nossas vidas não é somente viável, mas também bem simples", se forem observadas as seguintes dicas:

- Escolha alimentos frescos em vez de produtos processados. Também, quanto maior for a lista de ingredientes de um produto, mais provável será a presença de obesogênicos.
- Prefira comprar frutas e legumes sem agrotóxicos, com certificação orgânica.
- Reduza o uso do plástico, especialmente para armazenar ou aquecer alimentos. Prefira sempre os recipientes de vidro.
- Elimine ou minimize o uso de tapetes, porque eles acumulam poeira, uma grande fonte de obesogênicos; reduza a concentração de poeira em sua casa, usando aspiradores ou panos úmidos.
- Ao entrar em casa, retire os sapatos para evitar o ingresso de contaminantes.
- Evite o contato com produtos de limpeza e prefira os produtos ecológicos.



**Eduardo Pereira**  
@weiss\_guru



## A LENDA DO FAMALIÁ, O DIABINHO DA GARRAFA

Tem gente que diz, especialmente nos sertões do Brasil, que é possível ganhar riqueza em vida fazendo um pacto com o Famaliá, também conhecido Capeta da Garrafa, Diabinho da Garrafa, na verdade o próprio diabo.

Ninguém sabe ao certo como é feita a negociação de venda da alma pro Famaliá, mas, diz a lenda que, depois do acordo feito, o processo passa pela aquisição, durante a quaresma, de um ovo de galinha fecundado pelo demo.

Alguns afirmam que o demo faz um galo botar seu ovo, e este, depois de chocado por 40 dias, gera um diabinho de 15 a 20 cm que, imediatamente depois de nascido, deve ser colocado e fechado dentro de uma garrafa.

Quem tem um diabinho na garrafa, com o tempo, ganha muito dinheiro e enriquece, vive uma vida de luxo e fartura. Mas, quando morre, a lenda diz que o Famaliá leva sua alma diretamente para o quinto dos infernos.





Fotos: Acervo da EC 108 de Samambaia

# EC 108 de Samambaia realiza caminhada ecológica no Dia da Família na Escola

Com o objetivo de contemplar toda a diversidade e todos os tipos de famílias, a Escola Classe 108 de Samambaia - região administrativa do Distrito Federal - realizou, no dia 19 de maio, o Dia da Família na Escola. A EC 108 sempre desenvolve trabalhos que envolvem toda a família e, neste ano, a comemoração foi feita com uma caminhada ecológica, atividade que faz parte do projeto de educação socioambiental desenvolvida na escola.

"As famílias compareceram e participaram trazendo frutas, pães, bolos e sucos para, após a Caminhada fazermos um delicioso e colorido piquenique saudável. Nosso objetivo é a cada dia mais trazermos a família para perto da Escola estreitando os laços e contribuirmos para a construção

de uma sociedade melhor", disse o vice-diretor William César da Mata.

Além de estudantes, professores(as) e orientadores(as) educacionais, participaram da caminhada a comunidade em geral e funcionários(as) da unidade escolar.

"Ao invés de fazer uma programação na escola, optamos por realizar um piquenique, uma caminhada, onde todos pudessem interagir. Os estudantes desenvolveram um tema, levaram cartazes e os pais puderam participar de tudo de uma forma diferente. A interação foi muito positiva", destacou William.

Para a professora e membro do Conselho de Meio Ambiente do Sinpro-DF, Iolanda Rocha, "atividades como esta devem ser incentivadas e vivenciadas pelas escolas,

Estudantes, professores(as) e orientadores(as) educacionais da Escola Classe 108 de Samambaia participaram ativamente das atividades do Dia da Família na Escola

para que a consciência de um planeta melhor, sustentável e viável faça parte do dia-a-dia dos educandos e de toda a comunidade escolar".

Cerca de 500 pessoas participaram do evento.

A diretora da EC 108 de Samambaia, Ana Paula, conta que "de início tivemos um aquecimento com dança e aeróbica. Em seguida, as equipes foram formadas por cores para caminharmos na 1ª Avenida de Samambaia Sul. Pôde-se perceber na caminhada a empolgação dos participantes".

Aos 28 anos, Samambaia concentra cerca de 250 mil pessoas, sendo a quarta região administrativa mais populosa do Distrito Federal e figura entre as regiões que mais cresceram nas últimas duas



décadas. Localizada a 25 km da capital, conta com parques públicos preservados (Boca da Mata, Três Meninas e Gatumê) - mas que requerem constante atenção -, situados na Área de Relevante Interesse Ecológico Juscelino Kubitschek. No âmbito da educação, a cidade possui 38 escolas públicas. O nome do lugar tem origem no córrego que corta a cidade. Na sua nascente, logo abaixo das Quadras Residenciais 127 e 327, eram abundantes as plantas da espécie samambaia, um tipo de trepadeira.

## MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO (MNU): 40 ANOS DE LUTA CONTRA O RACISMO

**Reagir, Re(sobre)viver, Descolonizar para alcançar a real Democracia**

Em junho, mais precisamente neste 18 de junho de 2018, o Movimento Negro Unificado (MNU) completa seus primeiros 40 anos de vida. O lançamento público foi no dia 7 de julho, num ato contra o racismo nas escadarias do Teatro Municipal em São Paulo, mas o dia da criação se deu mesmo foi no 18 de junho.

Faz 40 anos que a bandeira amarela do MNU tremula, não tão somente nas escadarias do Teatro Municipal, mas em todas as unidades da Federação, em todas as capitais dos estados brasileiros. E nesses 40 anos de luta, nós procuramos olhar sempre pra frente, para os desafios postos às conquistas que perseguimos.

Mas também olhamos no retrovisor: qual era o mote da nossa luta lá em 1978, qual era a nossa narrativa, qual era a nossa discussão, quais eram as denúncias que nós oferecíamos ao Estado brasileiro, a partir das nossas manifestações nas ruas, nas escolas, nas várias ações que procurávamos empreender, contando sempre com a necessidade de construir uma ampla aliança com os outros segmentos do movimento negro no Brasil? E quando olhamos para o passado, observamos que o nosso eixo de lutas é exatamente o eixo de lutas que nós referenciamos hoje.

Em 1978, nós estávamos dentro de uma grande repressão, por que o Estado brasileiro agudizava o regime militar, que registrava dez anos de AI-5. Em 1978, nós tínhamos a convicção de que a luta contra o racismo e a discriminação racial neste país só teria êxito quando nós reconhecêssemos que o Estado brasileiro é racista.

Não era tão somente pensar a sociedade brasileira como uma socie-

dade racista, mas também denunciar um Estado que não só não cumpria a sua prerrogativa constitucional de proteger, preservar os interesses e a vida plena de negros e negras, mas, mais do que isso, era preciso identificar que a omissão do Estado brasileiro redundava em situações que incidiam diretamente na baixa qualidade de vida, sobretudo do povo negro do nosso país.

Hoje, em 2018, nós não vivemos propriamente a ditadura militar, mas temos uma democracia golpeada, fortemente golpeada pelas mesmas classes burguesas, pelas mesmas elites, em sua maioria homens ricos e brancos, que se empoderaram e põem em curso uma alternativa zero para a maioria da população trabalhadora, para a maioria dos negros e negras.

De 1978 a 2018, portanto decorridos 40 anos das lutas empreendidas pelo MNU, desde aquele contexto de retomada da luta racial do Brasil, vimos mais que dobrar a população brasileira; vimos mais que dobrar o percentual de homens e mulheres que se autodefinem, junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como pretos e pardos.

Hoje, de cada dez pessoas neste país, três são mulheres negras. Entretanto, indicadores sociais sobre desigualdade salarial. Por exemplo, números da pesquisa: "A distância que nos une num retrato das desigualdades brasileiras", realizada pela ONG britânica Oxfam, que se dedica ao combate à pobreza e à promoção da justiça social, projetam que nós só vamos atingir igualdade salarial em 2089. Isso significa dizer que, em termos de ganhos entre brancos e negros, especialmente entre mulheres brancas e mulheres negras, pelo menos nos próximos 72 anos nós ainda

não teremos remunerações iguais.

E, no pico da dramática radiografia da sociedade brasileira, o que é mais perverso é que nós somos o alvo principal da violência instalada e agravada com o golpe em curso no país. É a população negra a mais afetada também pela violência, seja a mais sutil ou a mais escancarada. Somos nós os mais vulneráveis ao assédio moral, como afirma o Ministério Público do Trabalho, porque no mercado de trabalho somos os que enfrentam as maiores dificuldades na progressão da carreira.

Por outro lado, o *Atlas da Violência*, publicado em 2017, revela que entre 100 indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios, 80 somos nós, homens e mulheres negros e negras.

Não é verdade que nós encontramos uma saída para a destruição efetiva do racismo e da discriminação racial se não fizermos valer, ainda hoje, em 2018, o que fizemos em 1978, o enfrentamento ao Estado racista. Se vivíamos em 1978 o mito da democracia racial latejante em todos os quadrantes do Estado brasileiro, vivemos em 2018 ainda o racismo reinventado na veia do próprio Estado quando a chamada grande mídia, exclusivista, racista e também golpista, insiste em omitir nos seus noticiários que, atualmente, ainda conforme o *Atlas da Violência 2017*, a cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras e, na maioria das vezes, em 78,9% dos casos de mortes violentas praticadas sob a mira do Estado brasileiro, através das suas polícias, quem tomba são os nossos jovens negros e negras.

Não menos alarmante é observar que as mulheres negras são as mais vitimadas pela violência doméstica. De acordo com a central de atendimento à mulher, em 2015, 58,68% dos

casos envolviam as mulheres negras. E nesse quadro de violências, a prática de feminicídio de mulheres negras também aumentou se comparada às taxas de assassinato de mulheres pela sua condição de gênero entre as mulheres brancas.

O mapa da violência em 2015, elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Estudos Sociais, mostra que, entre 2003 e 2013, o número de mulheres negras assassinadas cresceu 54%, enquanto o índice de feminicídio para mulheres brancas caiu 10% no mesmo período.

São também as mulheres negras as mais atingidas pela violência obstétrica. Segundo dados do Ministério da Saúde e da Fiocruz, 65,4% das mulheres atingidas pela violência obstétrica são mulheres negras; e pela mortalidade materna, onde estas representam 53,6%.

Os dados sobre a violência contra o povo negro estão em todos os recantos. Quando observamos a situação da população prisional no Brasil, esta representa a quarta maior em relação a todo o globo. Nós só estamos atrás da China, da Rússia e dos Estados Unidos, e de acordo com o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), mais da metade dos encarcerados são exatamente os pretos e pardos.

Ou seja, dos 622 mil brasileiros privados de liberdade, mais de 300 presos para cada 100 mil habitantes são os nossos jovens, homens e mulheres negros e negras.

É preciso que se diga que a violência física contra a população negra no país se segue a violência simbólica, que se expressa, por exemplo, na representatividade da população negra nas artes, na literatura, no cinema, no teatro, no circo, nos espaços de criatividade neste país, que são fomentados pelo Estado brasileiro.

Em relação à literatura, dados de uma pesquisa da Universidade de Brasília (UnB) revelaram que, dos vários personagens retratados pela literatura nacional, somente 10% dos livros brasileiros publicados nos anos de 1965 a 2014 tiveram como autores homens e mulheres negros.

Quando comparamos com o que diz pesquisa semelhante, publicada pela UERJ, no Rio de Janeiro, "A cara

do cinema nacional", os dados apontam que homens negros representam apenas 2% do cinema nacional e absolutamente nenhuma mulher negra foi registrada nessa pesquisa como profissional que dirige, portanto por trás das câmeras.

Quando olhamos para os nossos roteiristas, observamos através dessa pesquisa que 4% apenas são negros. Isso nos remete a pensar que ainda nas universidades que formam os profissionais nessa área de comunicação, apesar de toda a luta pelas cotas raciais para as universidades públicas, ainda tem um preenchimento mínimo pela população negra. Por outro lado, a presença negra, a partir dessa mesma pesquisa feita pela UERJ, ainda está sobretudo associada a papéis voltados à violência e à criminalidade. Dentre todos os filmes analisados, 38% deles, quando remetem a atores e atrizes que interpretam papéis associados à pobreza e à criminalidade, tais papéis cabem a atores negros e negras.

Neste momento em que o Brasil vive uma situação semelhante àquela de 1978, a de um golpe de Estado, embora por uma nova modalidade baseada numa legalidade manipulada por segmentos do Poder Judiciário, sob o tacão do capital internacional, a crise política arrasta a economia, gerando uma onda de desemprego.

E nessa onda de desemprego os mais atingidos novamente são os homens e mulheres negros e negras. Essa onda de desemprego atingiu com mais força exatamente a população brasileira que hoje representa 63,7% dos desocupados, o que corresponde a 8,3 milhões de pessoas, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio contínua, a Pnad contínua. Significa dizer que a taxa de ocupação de pretos e pardos ficou em 14,6%, enquanto entre os trabalhadores brancos o índice alcança menos de 10%. Como efeito, o rendimento médio de trabalhadores negros foi inferior ao dos trabalhadores brancos: 1,5 mil reais para trabalhadores negros e negras e 1,7 mil reais para trabalhadores brancos e brancas.

Diante desse quadro de desigualdades, agravado pela violência opressiva do Estado brasileiro, o MNU,

40 anos depois do seu surgimento, continua sublinhando que o racismo e a discriminação racial nesse país somente serão debelados mediante a ampla mobilização nacional do povo negro na reconstrução, sempre, de novas perspectivas de lutas.

Na nova perspectiva de lutas, hoje, devemos incorporar como eixo a compreensão do processo histórico que resultou na empresa colonial na África e as suas consequências para a continuidade da tradição africana na plataforma diaspórica no Ocidente. A luta de classes, como referida tanto por intelectuais orgânicos como por intelectuais acadêmicos, continua na proa da luta pela democracia, mas a democracia só vai ser conquistada, de fato, quando olharmos para dentro de nós mesmos, para o plano das nossas subjetividades recriadas na experiência afro-diáspora nossa e de nossos ancestrais. A destruição, portanto, do racismo em toda a sua dimensão objetiva, mas sobretudo subjetiva, deve nos conduzir a uma postura decolonial.

Tal postura nos impõe novos desafios... depende da remontagem simbólica do que fomos, no passado longínquo, da análise do que nos transformamos sob o bastão do colonialismo e do que poderemos ser no contexto de um novo pensar, estruturado no reconhecimento, valorização e prática de valores civilizatórios afrocentrados.

**PELA VIDA,  
CONTRA O RACISMO!**

130 anos da falsa abolição sem reparação!  
Reaja à Violência Racial!  
Contra o Genocídio da População Negra!



**Iêda Leal de Souza**  
Professora da Rede Pública de Ensino, Secretária de combate ao racismo da CNTE, Coordenadora do C. R. Lélia Gonzales, Tesoureira do Sinteço e Vice-presidente da CUT - GO

# CA RRE TEI RO

COM ÓLEO DE BURITI



O Buriti é uma palmeira, assim como a buritirana, a bacaba, o babaçu, a gueiroba e a piaçava. Dele tudo se aproveita, desde as folhas (ou palhas) até a raiz. É por isso que muita gente chama o buriti de árvore da vida.

Além de cestos, bolsas, costuras, vassouras, fios para costura, móveis, brinquedos, doces e sucos, também se faz, a partir do fruto, o óleo de buriti, usado tradicionalmente pelos povos do Cerrado para ajudar na cicatrização de feridas e queimaduras, aliviar a dor de picadas de insetos, para amenizar problemas respiratórios e até mesmo para curar picadas de cobras.

Recentemente, foram feitas pesquisas científicas que confirmaram que o óleo de buriti tem ação bactericida e possui antioxidantes e vitaminas, que servem para a produção de cosméticos e como protetor solar.

O óleo de buriti é também utilizado na culinária, principalmente para fritar carnes e peixes. Uma das receitas clássicas dos povos do Cerrado utilizando o óleo de buriti é o famoso Carreteiro com Óleo de Buriti, que reproduzimos aqui em versão de Rita Medeiros.

## INGREDIENTES

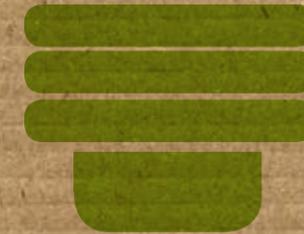
1 dente de alho  
1 colher de sopa de cebola ralada  
3 colheres de sopa de óleo de buriti  
3 colheres de sopa de óleo de girassol  
½ quilo de charque, ou carne seca, em pedaços pequenos  
3 xícaras de arroz  
Salsinha, coentro e cebolinha cortados bem finos

## MODO DE FAZER

Se tiver excesso de sal no charque, retirá-lo deixando a carne de molho em água. Refogar o alho e a cebola em uma panela funda, de ferro, com os óleos de buriti e de girassol. Adicionar o charque em pedaços e fritar bem. Em seguida, adicionar o arroz. Depois despejar água fervente e deixar cozinhar por pelo menos vinte minutos. Se houver necessidade, acrescentar sal. Mais cinco minutos de cozimento. Servir assim que retirar do fogo, acrescentando o cheiro verde.

Fonte: "Boas Práticas de Manejo para o Extrativismo Sustentável do Buriti". Instituto Sociedade, População e Natureza, Brasília, 2017.

ARTE  
RELACIONAMENTO  
CRIATIVIDADE TAMANHO  
SUSTENTABILIDADE  
PONTUALIDADE  
CONTEÚDO QUALIDADE  
ESTÉTICA  
FORMATOS  
COMPROMISSO  
PONTUALIDADE  
CRIAR CORES



nossagráfica



gráfica e editora

*uma visão infinitamente nova*

# CONAPE/2018 "LULA LIVRE": A EDUCAÇÃO COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA. SINTEGO PRESENTE!



É possível lutar, e é possível resistir! Em um encontro combativo e forte, os mais de quatro mil delegados e delegadas das entidades da educação que estiveram presentes em Belo Horizonte, entre os dias 24 e 26 do mês de maio, para a Conape/2018 "Lula Livre", mostraram a capacidade de luta dos e das profissionais da educação, transformando o encontro em um belo espaço de resistência.

Imbuído do mesmo compromisso com a luta e com a resistência em defesa da educação

brasileira, o Sintego participou ativamente da construção do Manifesto Carta de Belo Horizonte e do Plano de Lutas da Conape 2018, divulgado em Brasília, no dia 30 de maio, um documento pungente que ressalta o papel da educação na defesa do Estado Democrático de Direito.

Leia o documento na íntegra:

## **MANIFESTO: CARTA DE BELO HORIZONTE**

No momento atual de crise por que passa o Brasil, com o aprofundamento do golpe deflagrado

em 2016, a partir da destituição do governo legitimamente eleito de Dilma Rousseff, a luta pela educação não pode estar desatrelada daquela em defesa da restauração do Estado Democrático de Direito.

Os processos de ruptura democrática pelos quais passou o país guardam, em comum, a redução drástica dos direitos sociais, entre os quais a educação – um dos pilares inquestionáveis de qualquer democracia –, alvo de severos ataques políticos, econômicos e pedagógicos

que visam desestruturar a possibilidade de formação crítica e cidadã.

Foi assim com a instituição do Estado Novo, em 1937, que pôs fim aos avanços conquistados na Constituição democrática de 1934. Foi assim em 1964, com o golpe civil-militar que depôs João Goulart e enterrou a Carta de 1946. E é assim agora, com a série de medidas golpistas que buscam sepultar a Constituição de 1988 – incluindo seu artigo 205, que assegura a educação como dever do Estado e direito de cada cidadão – 30 anos após sua promulgação.

Os acontecimentos dos últimos dias, com os movimentos atuais e a crise institucional provocada pela política equivocada e entreguista do governo golpista de Michel Temer na Petrobras, apontam para possibilidades sérias e preocupantes de acirramento ainda maior das consequências do golpe.

A construção da falácia da suposta quebra da Petrobras, entregue a uma gestão feita por e para rentistas, interessa diretamente à política neoliberal repaginada, cujo objetivo é a transformação dos direitos sociais, a educação incluída, em serviços e mercadorias. Lucra o capital financeiro, um dos suportes do golpe.

Sofrem os/as trabalhadores/as, estudantes e todo o povo, submetidos não apenas à destruição de um patrimônio nacional imprescindível, que inviabiliza a implementação das políticas educacionais conquistadas após muita luta, nos últimos anos, como o próprio Plano Nacional de Educação (PNE), mas também sob a ameaça concreta de um rompimento democrático ainda mais profundo.

A convocação da Conferência Nacional Popular de Educação (Conape), no ano passado, deu-se como resposta direta ao

autoritarismo que destituiu o Fórum Nacional de Educação (FNE) e descaracterizou a 3ª Conferência Nacional de Educação (Conape/2018) como um espaço democrático de debate.

Agora, a realização da Conape só vem reforçar a importância deste movimento de resistência em via dupla: de um lado, não é possível lutar pela democracia sem lutar pela educação pública, gratuita, laica, inclusiva e de qualidade social, desde a educação infantil até a pós-graduação, fundamental para a construção de outra realidade, mais justa e mais solidária; de outro, qualquer discussão sobre políticas educacionais só faz sentido e só terá efetividade a partir do momento em que se assegurar a restauração do Estado Democrático de Direito e se garantir a realização de eleições livres.

As entidades que, reunidas em um Comitê Nacional em Defesa da Educação, decidiram romper com o FNE golpista, instalar o Fórum Nacional Popular de Educação (FNPE) e propor a Conferência Nacional Popular de Educação, vêm se empenhando, há décadas, em discutir os rumos que possam permitir essa transformação essencial.

Assim, foram organizadas as Conferências Brasileiras de Educação (CBEs), nos anos 1980 e início dos 1990, organizados os Congressos Nacionais de Educação (Coneds), a partir da década de 90 do século passado e começo dos anos 2000, e, posteriormente, a Conferência Nacional de Educação Básica (Coneb) de 2008 e as Conferências Nacionais de Educação (Conaes de 2010 e 2014).

Retomando essa luta, entidades, delegados/as da Conape LULA LIVRE tem como meta garantir o aperfeiçoamento e a implementação do Plano Nacional de Educação (PNE), a implantação de um Sistema Nacional de

Educação que possibilite o fortalecimento da educação pública e a regulamentação do ensino privado, compromissos assumidos e detalhados em nosso PLANO DE LUTAS, construído democraticamente e aprovado na Conape 2018.

Este espaço é primordial para traçar coletivamente os rumos da resistência, com o combate sem tréguas aos pesados retrocessos que o governo federal tem impingido à educação e às áreas sociais no Brasil.

A mobilização social em torno da democratização dos direitos, e defesa da educação, tem uma pauta importante de lutas, que hoje ganha centralidade diante da intensificação dos ataques diretos aos serviços públicos e de favorecimento da privatização em todos os níveis e setores e consequente agravamento da conjuntura. Convocamos a população brasileira para juntos lutarmos:

- 1.** Pelo Estado Democrático de Direito e a realização de eleições livres e democráticas, contra a intervenção militar;
- 2.** Pela apuração dos assassinatos dos defensores de direitos humanos, contra o genocídio da juventude negra, contra toda violência, perseguição política e criminalização dos movimentos sociais;
- 3.** Pelo fim do congelamento dos investimentos em áreas sociais, conforme imposto em 2016 pela Emenda Constitucional 95 (EC 95/16), com a sua imediata revogação e a destinação de 10% do PIB e os recursos do Pré-sal para a educação pública;
- 4.** Pela defesa do PNE, à luz das deliberações das Conaes de 2010 e 2014, como centro das políticas públicas educacionais;
- 5.** Por um Fundeb robusto e permanente, com creches e 50% de complementação da União;

**6.** Pelo fim do financiamento público para investimentos privados na área da educação e pelo fortalecimento do ensino público;

**7.** Pela regulamentação do ensino privado, sob as mesmas exigências legais aplicadas à escola pública, com a instituição do Sistema Nacional de Educação;

**8.** Pela exigência de qualidade tanto no ensino a distância quanto nos cursos de curta duração, impedindo tentativas de tratar a educação como mercadoria e, também, contra a autorização de todo e qualquer curso de graduação da área da saúde e de formação de professores, ministrado totalmente na modalidade Educação a Distância (EaD);

**9.** Pela garantia da implantação do Piso Salarial Profissional Nacional e de planos de carreira para os/as profissionais da educação das redes pública e privada, com a promoção da necessária valorização dos respectivos profissionais, superando-se as recentes propostas de 'flexibilização' dos critérios de seleção na área, bem como os agudos retrocessos que hoje acontecem no setor público e, em especial, no setor privado;

**10.** Pela escola democrática e autônoma, como espaço de liberdade e pensamento crítico de profissionais da educação, de famílias, de comunidades escolares e de estudantes, e contra organizações e grupos fascistas como "Escola Sem Partido" e suas correlatas "Leis da Mordaza";

**11.** Contra os cortes orçamentários, os contingenciamentos, os bloqueios e o sucateamento das Universidades e Institutos Federais e contra quaisquer ataques do poder político e do poder judiciário em relação à Autonomia Universitária;

**12.** Contra a "Base Nacional Comum Curricular", que exclui te-

mas sociais importantes (como a discussão de gênero e identidade de gênero), homogeniza e engessa o currículo e, ademais, não considerou a opinião de profissionais da educação, de famílias, de comunidades escolares e de estudantes;

**13.** Contra a "Reforma do Ensino Médio", em curso, viabilizada pela Lei nº 13.415/16 e Portaria MEC nº 727/17, que dificulta o acesso e a permanência de estudantes, torna tecnicista o ensino público, desvaloriza os/as profissionais da educação e promove o avanço privatista sobre a educação básica, além de atentar contra a soberania nacional, ao submeter questões estratégicas como formação docente e currículos à ingerência do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID);

**14.** Contra a aprovação de Diretrizes Curriculares do Ensino Médio, apresentadas pelo governo do Golpe, que determinem a oferta de 40% na carga horária do Ensino Médio e 100% da carga horária da Educação de Jovens e Adultos a distância, bem como que contabilizem as horas de cursos de qualificação profissional e de tempo de trabalho voluntário na carga horária do Ensino Médio e suas modalidades;

**15.** Contra a Reforma da Previdência, a Reforma Trabalhista, a Terceirização e todos os ataques aos direitos trabalhistas;

**16.** Pelo fortalecimento dos cursos de formação de professores nas instituições/Universidades Públicas, com garantia da autonomia para a elaboração de seus projetos formativos, reafirmando a necessidade de implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada (Resolução CNE CP 02/15);

**17.** Pela continuidade, ampliação e fortalecimento de todas

as ações e políticas anteriores a 2016 que digam respeito às especificidades da educação do e no campo, educação quilombola, educação especial em uma perspectiva inclusiva, educação indígena, educação de pessoas em situação de itinerância, educação de jovens, adultos e idosos, educação de pessoas LGBTI e educação nas prisões, com políticas afirmativas que elevem a condição cidadã destes brasileiros e brasileiras historicamente marginalizados e impedidos de exercer seu direito constitucional à educação;

**18.** Pelo fim da interferência do Ministério da Educação no Fórum Nacional de Educação, com a reconstituição de sua composição original;

**19.** Pela realização da Conape 2022. Resistir e avançar por uma educação democrática, pública, universal, laica, inclusiva, gratuita, democrática, de qualidade social, como direito do/a cidadão/ã e dever do Estado: esse é o compromisso de todas as entidades e de todos/as os/as delegados/as

Belo Horizonte - MG, 26 de maio de 2018.

Delegados e Delegadas da #Conape2018LulaLivre!  
#ConapeMariellePresente!  
#ConapeAndersonPresente!  
e participantes que organizaram a CONAPE!



**Bia de Lima**  
Educatora. Presidenta do Sintego.



# YAWALAPITI: RESISTÊNCIA INDÍGENA EM FORMA DE ARTE

Os Yawalapiti, cujo nome significa "aldeia dos tucuns", é um povo indígena de pouco mais de 250 pessoas que vive na porção sul do Parque Indígena do Xingu, na região conhecida como Alto Xingu, no encontro dos rios Tuatuari e Kuluene, distante cerca de cinco quilômetros do Posto Leonardo Villas Bôas.

Na aldeia Yawalapiti, todo mundo acorda cedo, entre 4h30 e 5h, e dorme por volta das 22h. Durante o dia, os Yawalapiti praticam a caça, a agricultura, a pesca e, mais recentemente, o artesanato para venda fora da aldeia, comercializado por instituições parceiras no Brasil e no mundo inteiro.

As mulheres fiam o algodão, tecem as redes e as esteiras, e preparam a pasta de urucum, o óleo de pequi e a tinta de jenipapo. Os homens fazem os cestos, os instrumentos cerimoniais (flautas e chocalhos), e realizam todos os trabalhos em madeira (bancos, pilões, pás de virar o beiju).

Hoje, mulheres e homens produzem belíssimas peças em miçanga de vidro, disponíveis na Loja Solidária da Xapuri: [www.xapuri.info/loja-solidaria](http://www.xapuri.info/loja-solidaria). Ao comprar uma delas, você fortalece a economia comunitária, a cultura indígena e a resistência milenar do povo Yawalapiti.



Fonte:  
[www.pib.socioambiental.org](http://www.pib.socioambiental.org)  
Fotos:  
Kaiti Yawalapiti

# SIÃ HUNI KUIN: UM LÍDER INDÍGENA INJUSTIÇADO

Zezé Weiss

Bem perto do Palácio Rio Branco, no centro da capital acreana, em faixa lateral da Praça Povos da Floresta, fica uma estátua esculpida em argila e bronze, em escala natural, de Chico Mendes segurando uma criança pela mão. Foi lá que encontrei um dia, em papo constrito, Siã Huni Kuin trocando prosa com o grande líder Seringueiro.

Ali, no lusco-fusco de um anoitecer quente e úmido, encostado em uma das muitas palmeiras que protegem Chico Mendes dos ventos da rua, Siã abria o coração pro amigo, ausente do espaço físico desse mundo graças à ação certa de uma bala assassina, disparada há três décadas pelas forças do latifúndio:

“Fáceis as coisas não andam, Txai. Continuam perseguindo nossos povos, desrespeitando nossas culturas. Mas sigo lutando, defendendo nossa floresta. De vez em quando viajo, pra fora do Brasil, inclusive. Sabia que hoje pagam pra gente falar? O que faço com a grana que ganho? O mesmo de sempre, Txai: invisto na minha comunidade, lá no Jordão.”

O diálogo de José Osair Sales, nascido no seringal Fortaleza, nas barrancas acreanas do rio Jordão, no ano de 1964, filho de Rita Monteiro e do grande cacique e

principal liderança do povo Huni Kuin, Sueiro Cerqueira Sales, certamente não ocorreu assim, em linha reta, porque, seguindo a tradição cultural dos Kaxinawá, a fala de Siã é sempre elíptica, metafórica. Seu conteúdo, entretanto, não poderia ser mais atual.

Em 2014, o grande líder Siã Huni Kuin que, no final dos anos 1970, junto com outras lideranças, lutou pela demarcação da Terra Indígena Kaxinawá do Rio Jordão e, em seguida, pela criação da cooperativa que, segundo o antropólogo Marcelo Pedrafito, “passaria de forma coletiva a organizar a produção de borracha e a venda de mercadorias nos seringais de sua Terra Indígena”, embarcou em mais uma viagem para difundir a cultura de seu povo na Europa.

Na bagagem de Siã, um muito de sua rica trajetória de lutas, em parte registrada pelo antropólogo Mauro Almeida: “Em 1989 havia um projeto para libertar seringueiros e agricultores no Alto Juruá da escravidão por dívidas. Por intermediação de Terri Aquino, os Kaxinawá foram incluídos. Siã veio a São Paulo para fazer compras com os recursos atribuídos aos Kaxinawá do Jordão. Juntos, percorremos as lojas da Rua 25 de Março em São Pau-

lo – onde tudo é mais barato – e Siã filmava a compra de redes e outras mercadorias, que pagava com o dinheiro que tirava de um saco. Era seu relatório financeiro para o seu povo – estava levando “mercadorias” por um preço muitas vezes menor do que o que era cobrado pelos patrões e intermediários”.

Situação similar ocorreu no ano de 1993, quando recebi Siã nos Estados Unidos para as entrevistas do Reebok Human Rights Award (Prêmio Reebok dos Direitos Humanos), das quais saiu vencedor. Como premiado cidadão da floresta, Siã fez palestras e, além dos milhares de dólares do prêmio, ganhou algum dinheiro extra nas Universidades. Pago em espécie, colocou os dólares em uma sacola e voltou com eles para o Brasil, sem declarar na alfândega, porque esse procedimento de ficar vasculhando mochila alheia nunca fez parte dos rituais de seu povo.

Anos mais tarde, quando o encontrei e perguntei o que havia feito com o dinheiro do prêmio, Siã disse com a voz mais natural do mundo: “Parei em São Paulo, fiz compras pra levar pra aldeia. E com o dinheiro grande comprei um seringal pra ampliar a nossa Terra Indígena”.

Nessa viagem de 2014, Siã esteve na Alemanha onde, a convite do artista plástico Ernesto Neto, fez palestra como convidado especial na exposição HAUX, HAUX, no Arp Museum Bahnhof Rolandseck. Da Alemanha, seguiu para a Espanha, onde também fez palestra na AYA, Conferência Internacional da Ayahuasca, bebida sacramental há milênios usada pelos povos indígenas do Acre.

Durante essa turnê, Siã passou por Viena, na Áustria, e por várias outras cidades europeias, realizando cerimônias rituais e fazendo palestras. Por seu trabalho de mais de dois meses no velho Continente, recebeu cerca de cinco mil euros, conforme recibos emitidos por todos os seus contratantes.

Em dezembro de 2014, voltou ao Brasil e, como sempre, fez parada no Rio e em São Paulo. Como de costume aguardou, entre amigos e familiares, uma passagem mais barata para o Acre.

Em São Paulo, gastou parte dos euros fazendo compras pra aldeia, antes de voar pra casa. Como presidente da Associação dos Seringueiros Kaxinawá do Rio Jordão (ASKARJ), uma das primeiras organizações indígenas locais a serem criadas no Estado do Acre, os recursos economizados seriam, segundo Siã, investidos na organização que dirige desde 1988.

No caminho, entre Rio Branco e Cruzeiro do Sul, foi abordado durante uma operação da Polícia federal, no município de Feijó. Durante a revista, em sua mala os policiais encontraram 39 gramas de Canabis, comprada em São Paulo para uso próprio, e 4.200 euros não declarados, valor um pouco acima dos 10 mil reais permitidos por lei.

Foi preso, acusado de tráfico internacional de drogas. Solto por um habeas corpus, desde então Siã vive sob o peso desse, tendo que ir mensalmente a Feijó para provar que está dentro do estado do Acre e disponível, ao alcance da justiça. Em 19 de março deste

ano, foi condenado em primeira instância a dez anos de prisão.

Dada a trajetória de Siã e a conjuntura de sua condenação, defensores dos direitos indígenas e das liberdades humanas, como o indigenista Jairo Lima, consideram essa sentença dura, injusta e questionável. Alegam que nesse, como em tantos outros casos, faltou capacidade de compreensão por parte de uma justiça que, em sua tradicional “cegueira”, baixou sua sanha horizontalizante, imparcial e implacável sobre um cidadão indígena impotente e vulnerável.



Foto: Ernesto Neto

Enquanto aguarda julgamento em segunda instância, o grande líder que dedicou sua vida a arrecadar recursos para ampliar e consolidar o território coletivo do povo Huni Kuin, composto por três Terras Indígenas, com extensão agregada de 107.603 hectares, hoje ocupado por pouco mais de 3,5 mil indígenas, distribuídos em 34 aldeias, nos rios Tarauacá e Jordão, Siã conta com o apoio de amigos que se mobilizam em sua defesa no Brasil e no mundo inteiro.

Segundo a antropóloga Dedé Maia, o que buscam os amigos de Siã não é a exceção à regra na de-

fesa de um líder indígena. O que querem é que os responsáveis pela justiça compreendam os meandros sociais, culturais e históricos do cidadão condenado, para que o caso de Siã deixe de fazer parte dessa tenebrosa estatística dos processos de “justiçamento” que vem tomando nosso país de assalto nos últimos tempos.

Oxalá os inúmeros depoimentos sobre a cultura e a vida de Siã, os registros históricos sobre seu compromisso inabalável com a defesa dos povos da floresta, os comprovantes dos lícitos pagamentos por seus serviços pres-

tados na Europa, e a intercessão de todos os yuxibus encantados, possam sensibilizar o juiz responsável pelo julgamento em segunda instância do Processo Nº 0500023-55-2014.8.01.0013, que ora tramita na Comarca Criminal de Feijó.

Só assim, um grande líder injustamente condenado poderá voltar a viver em paz junto a seu povo no coração da floresta.



**Zezé Weiss**  
Jornalista  
Socioambiental  
@zezeweiss

# AINDA O Velho Chico

Altair Sales Barbosa



A Controladoria-Geral da União (CGU) realizou uma auditoria no Projeto de Transposição do Rio São Francisco e divulgou recentemente seu relatório. O documento merece algumas considerações:

A obra da transposição do Rio São Francisco sempre teve um viés muito mais político que social ou científico. O empreendimento, que envolve as grandes empresas construtoras e as grandes empresas de engenharia elétrica do Brasil, tem na sua base um alicerce falso, pois fala que seria realizada para atender as necessidades das populações rurais, cujas produções agrícolas e criações de animais padecem na época da estação seca.

Na realidade, este quadro continua e foi acentuado com as obras da transposição. O alicerce é falso, porque esconde desde o início o real propósito da transposição, que era patrocinar grandes projetos de irrigação dos grandes latifundiários do Nordeste, padrinho e patrocinadores dos coronéis da política regional, cujo modelo é o mesmo desde o início da colonização.

Portanto, o relatório da CGU, sobre a sustentabilidade da transposição do rio São Francisco não traz, para os mais esclarecidos, nenhuma novidade. Todos os estudiosos da bacia do São Francisco, bem como os conhecedores da dinâmica do rio, alertaram

através de audiências, publicações e movimentos, quanto aos riscos da execução desse projeto.

Infelizmente, a classe política se fez surda, não deu ouvidos. Só não ficou muda porque expressava as opiniões de burocratas "geniais" que alimentavam seus integrantes com argumentos surgidos entre quatro paredes e totalmente desprovidos de conhecimentos concretos.

O relatório da CGU, que agora critica a falta de planejamento para garantir a manutenção e sustentabilidade, teria que ser convincente e questionador antes de as obras iniciarem. Teria que ser ouvida a comunidade científica brasileira, teria

que conhecer a dinâmica dos rios do Cerrado e sua realidade, também deveria ser conhecida a realidade e a experiência dos ribeirinhos.

Infelizmente, a classe política se fez surda, não deu ouvidos. Só não ficou muda porque expressava as opiniões de burocratas "geniais" que alimentavam seus integrantes com argumentos surgidos entre quatro paredes e totalmente desprovidos de conhecimentos concretos.

No entanto, o relatório também traz falhas horríveis em relação ao conhecimento de toda a bacia do São Francisco. Foca só em problemas locais, não tem visão da totalidade.

Todo trabalho de planejamento ambiental e organização do espaço que não leve em consideração a história evolutiva dos elementos envolvidos e que não considere as vocações regionais traz como consequência problemas de difíceis soluções, alguns irreversíveis.

Uma vez surgidos tais problemas, procuram-se soluções paliativas como tentando curar uma ferida apenas cobrindo-a com um esparadrapo. Como é o caso da resolução ANA (Agência Nacional de Águas) 1043, de 19/06/2017, denominada "Dia do Rio", cujo objetivo é reforçar as ações que vêm sendo adotadas para preservar os estoques nos reservatórios da bacia do rio São Francisco.

A resolução determina que as captações de água da bacia sejam proibidas todas as quartas-feiras, exceto para abastecimento humano e animal.

A resolução da ANA deixa uma brecha ao não incluir de forma absoluta os corpos hídricos que não são considerados como domínio da União, mas que integram a bacia do São Francisco e são vitais para a perenização deste rio. Embora deixe claro que serão feitas articulações com os estados e comitês da bacia, sabemos pela prática que essas medidas são inoperantes.

Aparentemente, essa medida, que estabelece o dia do Rio, parece boa. É, mas não é. Ao proibir a retirada da água em alguns trechos específicos por empreendimentos agropastoris e industriais, a resolução visa preservar água para os reservatórios, que por sua vez irão alimentar a geração de energia e outras defluências danosas, como é o caso dos canais da transposição.

Portanto, se penetrarmos além das aparências, vamos notar que a resolução deixa falhas em não entender a bacia hidrográfica dentro de sua totalidade, da mesma forma que deixa dúvidas quanto a quem, na realidade, serão os beneficiados por tais medidas.

Outro ponto obscuro é a restrição aos cursos d'água superficiais, demonstrando total desconhecimento dos ciclos hídricos regionais, pois não faz menção às águas subterrâneas, tão ou mais importantes que as águas superficiais. Parece que o ciclo hidrológico se restringe às chuvas, o que não é verdadeiro. Portanto, é importante considerar a utilização das águas subterrâneas nos processos de irrigação, efetuados através de poços artesanais.

A resolução que cria o dia do Rio é um exemplo claro da falta de planejamento e de conhecimento dos processos que envolvem o rio São Francisco. Também pode ser citado como exemplo de falta de planejamento a ausência de conhecimento da ocupação humana regional.

Em 1972, no Primeiro Simpósio sobre o Cerrado, já chamávamos a atenção para a preservação do Chapadão Ocidental da Bahia, até o limite com as cristas do Bambuí, hoje limitando com os Estados do Tocantins e Goiás. Pois as águas subterrâneas naquela época ali existentes seriam uma grande reserva de água potável para o Brasil.

Mas não foi isto que aconteceu. Por serem consideradas erroneamente "terras devolutas", o governo federal as repartiu para grandes empresários nacionais e internacionais, que recebiam no mínimo 25.000 hectares – e a única coisa que deveriam dar em troca era o desmatamento da região. Assim, por falta de conhecimento e de planejamento adequado, começou essa nova ordem territorial, que em pouco tempo traria um quadro irreversível de prejuízos ambientais e sociais para a região.

No caso específico dos alimentadores do rio São Francisco, alguns nascem em Goiás, como é o caso da Lagoa Feia, no município de Formosa, que contribui com vários afluentes do rio Paracatu. Outros nascem no Jalapão, em Tocantins, caso do rio Preto, mas a grande parte nasce no Espigão Mestre, início das campinas, baianas, mineiras e piauienses.

Pois bem, com a implantação deste novo modelo de organização territorial iniciou-se o maior processo de desmatamento no Brasil, feito a cortentões. Foi só uma questão de tempo para que as nascentes, não só dos córregos, mas também dos rios, comesçassem a migrar das partes mais altas para as mais baixas, e alguns córregos secaram totalmente.

Por que isto aconteceu? Porque sem a vegetação nativa a água da chuva não penetrava mais como anteriormente e não recarregava os aquíferos, e estes foram baixando de nível, num processo contínuo. Embora o índice pluviométrico permanecesse o mesmo.

O curioso nesta situação é que ainda não haviam sido desenvolvidas tecnologias para a correção completa dos solos regionais, por isso as plantações iniciais, com eucalipto e pinheiros, não deram certo. Tempos depois é que foram aperfeiçoadas as tecnologias que permitiram o plantio de várias espécies, utilizando-se para isto calcário específico, muito adubo químico e uma quantidade imensa de agrotóxicos.

Muitos proprietários abandonaram as iniciativas ou venderam as terras para outros grupos de empresários, que, com a utilização de novas tecnologias, foram-se apropriando de áreas ainda maiores. Essas tecnologias, associadas à época a uma fartura de água, logo permitiram o avanço das fronteiras que cada vez produzia mais e despertava a ganância de muitos produtores, que foram diversificando suas culturas.

Com a expansão da exportação, esse processo tornou-se uma corrida incontável, atraindo para o local um capital dinâmico e predador, utilizando como discurso o enriquecimento fácil e a fartura de empregos. Ambos os fatores não aconteceram, primeiro porque os grandes proprietários, que não conheciam a região, expulsaram das terras as pessoas que tradicionalmente as usavam sazonalmente para a criação de animais bovinos e equinos.

Num segundo momento, com a mecanização, tirou do campo aquelas pessoas que acreditavam num emprego duradouro. Os empregos tornaram-se sazonais e eventuais, sem carteira assinada e sem garantia. Num terceiro momento, comunidades existentes nos gerais, que pra-



ticavam a agricultura familiar foram totalmente desestruturadas.

Esse fenômeno gerou uma situação esdrúxula, pois os camponeses, ao serem expulsos das terras, foram-se agregando ao redor dos postos de serviços, implantados ao longo das rodovias, para dar sustentação aos novos empreendimentos. Os homens trabalhavam irregularmente em qualquer tipo de serviço para sobreviverem, as mulheres mais vividas trabalhavam como domésticas e as mais novas foram-se prostituindo, nos dinâmicos postos de serviços que da noite para o dia se transformavam em verdadeiros polos urbanos.

Só para citar o exemplo do oeste da Bahia, vejamos o caso da cidade de Luiz Eduardo Magalhães, que há bem pouco tempo era só um posto de gasolina; vejamos Roda Velha, que era somente um ponto de parada; vejamos o exemplo de Rosário do Oeste, que até ontem era somente Posto do Rosário, e por aí vai.

Portanto, os rios foram secando em função do desmatamento, o desaparecimento de córregos menores e lagoas já vem acontecendo desde início da década de 1980. Eu mesmo levei à região várias emissoras de televisão de nível nacional e internacional, alertando para a situação. Foram mais de 16 programas a nível nacional e internacional.

O grande poeta, escritor, gênio e

músico Elomar Figueira de Melo já alertava, através de suas crônicas musicais, o que estava acontecendo no Sertão-de-Dentro, como ele denomina os Gerais, mas os políticos do litoral nunca se atinaram.

Outra coisa importante a salientar é que as cidades e dezenas de povoados ao longo do Corrente foram o berço de pessoas de expressão internacional, intelectualmente falando, como o escritor Ozório Alves de Castro, que inspirou Guimarães Rosa; como o escritor, educador e cientista político Clodomir de Moraes, o único brasileiro a desfilarem em carro aberto com Yuri Gagarin, além de criar várias Universidades mundo afora; como Mestre Guarany, criador das imortais carrancas do São Francisco; como Raimundo Sales de Correntina, exímio inventor.

Essas pessoas, só para citar algumas, aprenderam observando os rios que passavam. Por isso o rio, para essa imensa população, é muito mais sagrado que se imagina. E a manifestação e a revolta do povo de Correntina, acontecida recentemente nas fazendas do rio Arrojado, já estava escrita nas estrelas, como nos canta Tetê Espindola.

E, se providências não forem tomadas no sentido de devolverem à população o pouco que lhes resta de mais sagrado, outras manifestações semelhantes acontecerão nas regiões do

Cerrado, pois todos nós padecemos do mesmo mal.

Outra coisa a frisar não é a falta de chuvas que provoca tal situação, e sim o rebaixamento dos aquíferos. Além do que, as águas das chuvas que precipitam encontram o solo desprotegido, o que faz com que o escoamento seja mais rápido e o transporte de sedimentos aumente de forma desproporcional, avolumando-se o assoreamento.

É o início do fim...

Para finalizar, muitos me perguntam: o que tem que ser feito agora?

Para responder esta questão eu teria que enumerar vários pontos, o que tomaria muito espaço e não é este o caso no momento. Mas construir um caminho para fortalecer ou implantar uma educação criativa e a pesquisa que leve em consideração as vocações regionais pode ser a agulha da bússola. O prejuízo já ocorrido, este é irreversível, dentro dos parâmetros de conhecimento que atualmente possuímos.



**Altair Sales Barbosa**

Arqueólogo. Excertos do livro "O Piar da Juriti Pepena - Narrativa Ecológica da Ocupação Humana no Cerrado". Sales, Altair [et al]. Editora PUC-Goiás, 2014.

# TUDO O QUE EXISTE E VIVE PRECISA SER CUIDADO

Leonardo Boff

Tudo o que existe e vive precisa ser cuidado para continuar a existir e a viver: uma planta, um animal, uma criança, um idoso, o planeta Terra.

Uma antiga fábula diz que a essência do ser humano reside no cuidado. O cuidado é mais fundamental do que a razão e a vontade.

A ótica do cuidado funda uma nova ética, compreensível a todos e capaz de inspirar valores e atitudes fundamentais para a fase planetária da humanidade.



**Leonardo Boff**

Filósofo. Teólogo. Escritor. Excerto do livro Saber Cuidar. 18ª Edição. Editora Vozes. 2012.

# BRASIL SOBRE PNEUS

Antenor Pinheiro

Nenhuma surpresa no vitorioso bloqueio caminhoneiro que paralisou o Brasil neste maio de 2018. Há décadas os sucessivos governantes brasileiros optaram pela matriz rodoviária como modal preferencial e (quase) exclusivo para transportar a riqueza nacional em seu território. Portanto, previsível a lambança, reféns que ficamos dos pneus, estradas, vias urbanas e rodovias.

Isso não foi por acaso, tem explicação. Veio com a volúpia da indústria automobilística transnacional que aqui encontrou terreno fértil e dócil para a expansão de seus negócios, então em decadência na Europa devastada pela segunda guerra mundial. Novos mercados eram necessários, e por aqui as estratégias recepcionadas com o beneplácito oficial culminaram numa logística que justifica sua atual participação em 21 por cento do Produto Interno Bruto/ PIB nacional.

Nada contra, não houvesse nesse mesmo oportuno movimento econômico a deliberada decisão de inviabilizar a expansão ferroviária como opção estratégica concorrente para o transporte de mercadorias e pessoas por esse "brazilão" afora. E junto com os trilhos, calculadamente foram desmontados os modais hidrovi-

ário, aeroviário e de cabotagem, cada qual com suas peculiaridades técnicas baseadas nas cargas e volumes transportáveis. Todos desconsiderados em favor da imperial opção por pneus.

Não há país "bananeiro" no planeta que tenha abusado da sorte como o Brasil por tão grave irresponsabilidade ao longo do tempo e não tenha sofrido graves e nefastas consequências. Com sua dimensão continental e irrelevantes adversidades geomorfológicas e climáticas, inconcebível o Brasil continuar a insistir no mesmo equívoco logístico.

A natureza predatória do rodoviarismo há muito tem merecido processos de retração e correção de rumos, especialmente no circuito da agenda ambiental. Mas aqui no Brasil, por meio de recorrentes e fabulosos estímulos oficiais, o pensamento sobre pneus continua a predominar sobre as demais opções.

E o mais irônico nessa história toda é que, mesmo sendo um país sobre pneus, vai de mal a pior a infraestrutura para a sobrevivência desse modal. Afinal, que rodovias brasileiras estão tecnicamente preparadas para assegurar a eficiência dessa monstruosa logística? Nenhuma!

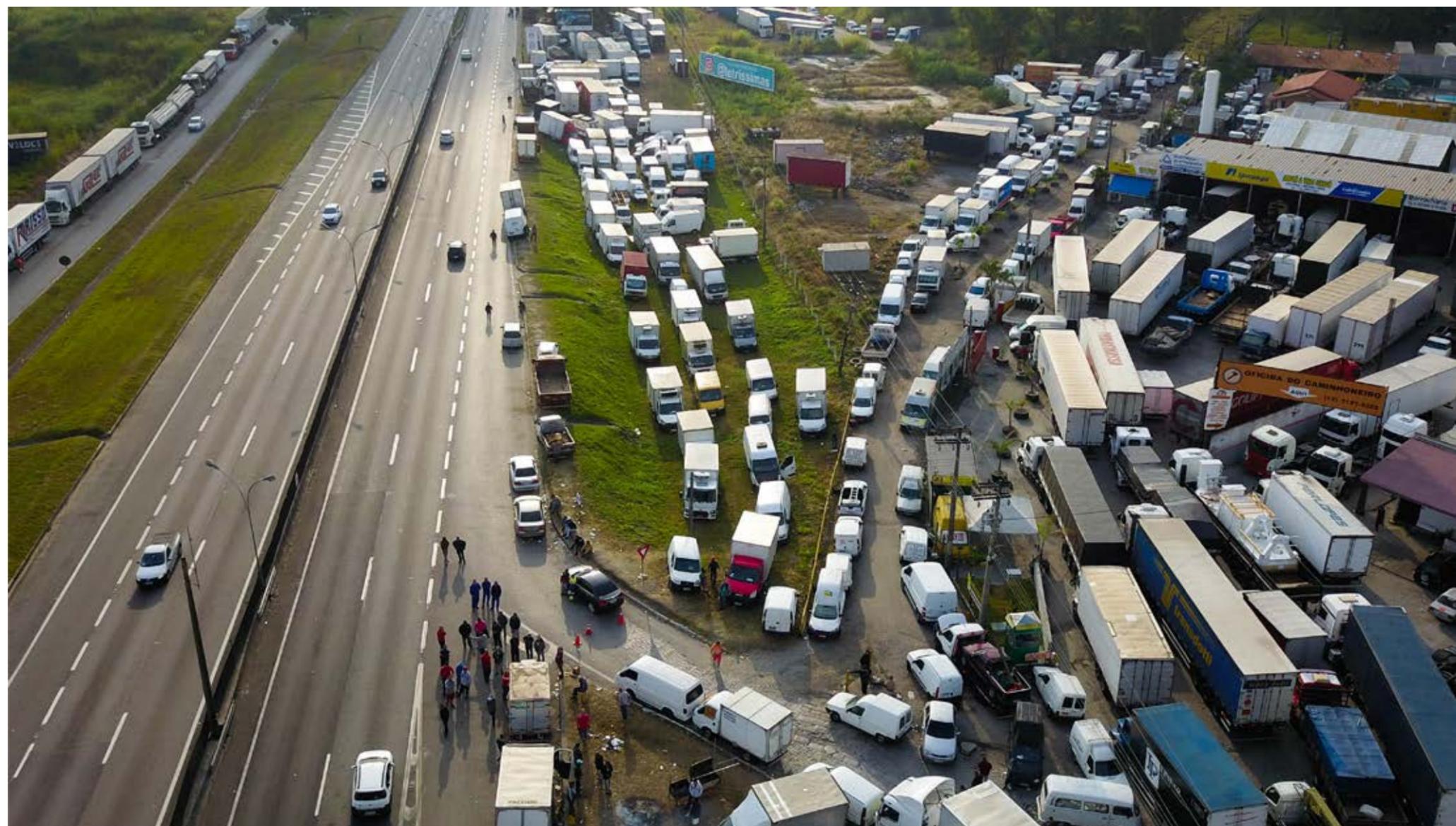
Mesmo as rodovias privatizadas

com seus pedágios de preços primeirromundistas, o que testemunhamos, por um lado, é a alegada falência de sua gestão em forma de constantes distratos e chantagens com o dinheiro público; e, por outro, os governos ineptos e incapazes de, minimamente, fiscalizar e garantir o cumprimento dos termos contratados.

O Governo Dilma sacou o problema em 2015, diante da primeira ameaçadora mobilização dos caminhoneiros – um movimento paredista que juntava a fome (dos caminhoneiros) com a vontade de comer (dos empresários). Sua resposta foi reativa, superficial, rasa, nada de estrutural. Baixou uma

Medida Provisória de duras feições punitivas que hoje servem de cabo de chicote para seu vice-presidente e sucessor Michel Temer enfrentar o mesmo problema.

A diferença é que em 2015, mesmo fraquinho e errático, o governo era legítimo. Hoje, nem governo há. Muito menos presidente!



**Antenor Pinheiro**  
Jornalista. Comentarista da CBN Goiânia. Membro da Associação Nacional de Transportes Públicos /ANTP.

# RRRRRRRRRR-EVOLUÇÃO POLÍTICA

Reinaldo Bueno Filho

Eis em riste, a polis, a ética!  
Onde se vê minha bandeira que tão pouco litiga?  
Aonde foi meu povo que só grita a cada quatro anos,  
em aclamação à empresa futebolística  
que se fantasia de patriota conquista?  
Por que, então, somos assim  
vítimas de nossa própria ignorância?  
É a maldita rrrrrrrr-evolução política!  
Acima os velhos infiéis da vida moral justa.  
Abaixo aqueles que o povo pede e precisa.  
Muito antes, desde antes, vêm:  
cães-políticos,  
sem politização alguma,  
nos avançam sedentos de dinheiro e fama.  
Bendita pátria minha,  
a política é tudo que temos  
para mostrar ao passado e ao futuro  
que nós, também,  
sabemos mais do que bradar um gol.



Em dezembro, o Brasil e o mundo completam 30 anos sem a presença física de Chico Mendes, o maior líder sindicalista e ambientalista que o Brasil já teve.

Um grande encontro dos povos da Amazônia e de seus parceiros e parceiras de todos os cantos do planeta está sendo organizado para os dias 15, 16 e 17 de dezembro, na cidadezinha acreana de Xapuri, onde nasceu e viveu o grande seringueiro até o dia do seu assassinato pelas forças do latifúndio, em 22 de dezembro de 1988.

Para que os povos extrativistas da Amazônia possam honrar a memória e celebrar o legado de Chico Mendes no encontro de Xapuri, contribua comprando uma camiseta em nossa loja solidária: [www.xapuri.info/loja-solidaria](http://www.xapuri.info/loja-solidaria).



Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura,  
faz a Xapuri continuar acontecendo!

**REVISTA  
IMPRESSA**

**ANUAL**

R\$ **150**,00  
12 EDIÇÕES

**BIANUAL** R\$ **250**,00 24 EDIÇÕES  
(BÔNUS: REVISTA DIGITAL)

**REVISTA  
DIGITAL**

**ANUAL**

R\$ **60**,00  
12 EDIÇÕES

**BIANUAL** R\$ **99**,00 BÔNUS: REVISTA IMPRESSA  
(DO MÊS DA ASSINATURA)

**ASSINE JÁ!**

**[WWW.XAPURI.INFO/ASSINE](http://WWW.XAPURI.INFO/ASSINE)**